



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

LARISSA BULIGON BRONDANI

**ANÁLISE SOBRE A MOTIVAÇÃO DO PRODUTOR RURAL DE SOJA
DA QUARTA COLÔNIA E REGIÃO - RS**

RESTINGA SÊCA, RS

2019



LARISSA BULIGON BRONDANI

**ANÁLISE SOBRE A MOTIVAÇÃO DO PRODUTOR RURAL DE SOJA DA
QUARTA COLÔNIA E REGIÃO - RS**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Administração, Faculdade
Antonio Meneghetti - AMF, apresentado
como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Administração.
Orientador: Prof. Dr. Mario Fernando
Mello

**RESTINGA SÊCA/RS
2019**



LARISSA BULIGON BRONDANI

**ANÁLISE SOBRE A MOTIVAÇÃO DO PRODUTOR RURAL DE SOJA DA
QUARTA COLÔNIA E REGIÃO - RS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração, Curso de Graduação em Administração, Faculdade Antonio Meneghetti – AMF.

Banca Examinadora:

Orientador (a): _____
Prof. Dr. Mario Fernando Mello
Antonio Meneghetti Faculdade - AMF

Membro: _____
Prof.^a Ma. Ranice Hoehr Pedrazzi Pozzer
Antonio Meneghetti Faculdade - AMF

Membro: _____
Prof. Almir Foletto
Antonio Meneghetti Faculdade - AMF

Restinga Sêca, 09 de novembro de 2019.



DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que sempre esteve ao meu lado, apoiando-me o tempo todo.

Ao meu orientador, pelo seu tempo e empenho.

Aos produtores que participaram da pesquisa e ajudaram-me a concretizar este objetivo.

Certamente, sem a participação, envolvimento e ao mesmo tempo desprendimento dessas pessoas tão importantes, nada disso teria sido possível.



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Professor Orientador, Mario Fernando Mello, pela atenção, colaboração e a preciosa orientação para o desenvolvimento deste estudo.

A minha família, pelo incentivo, apoio e paciência durante toda a graduação.

A Deus, por conceder-me saúde e força para concretizar meus objetivos.

Agradeço, ainda, aos demais professores da instituição e à Faculdade Antonio Meneghetti, que sempre estiverem dispostos a auxiliar em qualquer dúvida e por todo o conhecimento que transmitiram durante essa caminhada.

Também agradeço aos meus amigos e aos colegas, por todo apoio, paciência e companheirismo e que de alguma forma colaboraram para atingir este objetivo.

Aos produtores rurais que prontamente responderam aos questionários, fornecendo as informações necessárias para viabilizar este estudo. Saibam que têm minha infinita gratidão e admiração pelo lindo trabalho que exercem.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a concretização desta pesquisa.

A todos, meu muito obrigada!



RESUMO

Hoje a atividade agrícola no Brasil é um dos pilares da economia, sendo que grande parte da responsabilidade se atribui à cultura da soja, que passa por grandes desenvolvimentos ao longo dos anos, em favor do crescimento e fortalecimento da economia brasileira, além da geração de renda e sustento para diversas famílias. No Rio Grande do Sul, encontram-se desde pequenos, médios a grandes agricultores, e nem todos possuem o conhecimento necessário para entender como podem ganhar mais vantagem competitiva com seu produto. Por essa razão, os objetivos deste estudo são: identificar e analisar quais são os aspectos que motivam os produtores e se eles possuem controle sobre todos os custos que envolvem uma safra, mostrando as vantagens que se tem ao mensurar os custos e, dessa forma, possuir as informações necessárias para tomada de decisão. As informações que estão expostas neste estudo foram obtidas por meio de pesquisa bibliográfica e um questionário aplicado com os agricultores da Quarta Colônia e região. Constatou-se que ainda existem muitas dificuldades no meio rural, entretanto, os produtores mantêm-se motivados, graças ao amor que sentem pela atividade que exercem.

Palavras-chave: Soja no Brasil. Produtores rurais. Motivação. Custos.



ABSTRACT

Today, agricultural activity in Brazil is one of the pillars of the economy, being in most part responsible for the soybean cultivation, which has undergone major developments through the years in favor of growth and strengthening of the Brazilian economy, as well as income generation and support for many families. In Rio Grande do Sul we find small, medium and large farmers, and not everyone has the necessary knowledge to understand how they can gain more competitive advantages with their product. For this reason, the objectives of this study are: identify and analyze what are the aspects that motivate the producers and whether they have control over all costs that involve a harvest, showing how advantageous it is to control their costs, thereby having the information that they need for decision making. The information that is exposed in this study was displayed through bibliographic research and a questionnaire applied with farmers of the Fourth Colony and region. It was found that there are still many difficulties in rural areas, but the producers remain motivated due to the love they have for their activity.

Keywords: Soy in Brazil. Rural producers. Motivation. Costs.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Produção mundial de soja em grãos – safra 2018/2019	17
Figura 2	Pirâmide das necessidades de Maslow.....	31
Figura 3	Metodologia.....	34
Figura 4	Classificação da amostragem.....	35



LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Faixa etária (idade).....	37
Gráfico 2 -	Grau de escolaridade.....	38
Gráfico 3 -	Proporção de área própria distribuída em faixa de hectares.....	40
Gráfico 4 -	Proporção de área arrendada distribuída em faixa de hectares.	40
Gráfico 5 -	Valor pago de arrendamento em sacos/há.....	41
Gráfico 6 -	Área total de cultivo de soja.....	42
Gráfico 7 -	Tempo que exercem atividade na agricultura.....	42
Gráfico 8 -	Elementos que levaram a começar a trabalhar e permanecer no campo.....	43
Gráfico 9 -	Possuem intenção/vontade de abandonar a lavoura.....	44
Gráfico 10 -	Se possuem controle sobre os seus custos de produção.....	45
Gráfico 11 -	Alguém auxilia no controle dos custos durante a safra.....	46
Gráfico 12 -	Sabem se estão tendo lucro ou prejuízo.....	47
Gráfico 13 -	Custos de produção realizados nas lavouras.....	47
Gráfico 14 -	Motivação para o produtor migrar da zona rural para urbana.....	48
Gráfico 15 -	Motivação para continuar na lavoura.....	49



LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Tabela de oferta e demanda brasileira - em mil t.....	18
Tabela 2 -	Comparativo de área, produtividade e produção – Soja.....	20
Tabela 3 -	Formas de controlar os custos utilizadas pelos produtores....	45



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Área plantada no Rio Grande do Sul de 2014 à 2018 – Soja..	21
Quadro 2 -	Área colhida no Rio Grande do Sul de 2014 à 2018 – Soja.....	21
Quadro 3 -	Custo operacional de produção agrícola.....	25
Quadro 4 -	Tipologia de pesquisa.....	33
Quadro 5 -	Formação profissional/cursos dos entrevistados.....	39



LISTA DE ABREVIATURAS

CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
HA	Hectares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística
RS	Rio Grande do Sul
T	Toneladas
USDA	Departamento de Agricultura dos Estados Unidos
EUA	Estados Unidos
SC/HA	Sacas por hectare

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 TEMA	14
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.3 OBJETIVOS	14
1.3.1 Objetivo Geral	14
1.3.2 Objetivos Específicos	14
1.4 JUSTIFICATIVA	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 A PRODUÇÃO DE SOJA NO BRASIL	16
2.2 PRODUÇÃO DE SOJA NO RS	19
2.2 CUSTOS DE PRODUÇÃO	22
2.2.1 Descrição das Variáveis que Afetam o Processo	23
2.3 MOTIVAÇÃO	27
2.3.1 Teoria da Fixação de Objetivos	29
2.3.2 Teoria da Hierarquia das Necessidades – Abraham Maslow	30
2.3.3 Teoria das Necessidades de Mc Clelland	32
2.3.4 Teoria da Expectativa – Victor Vroom	32
2.3.5 Pirâmide de Maslow por Meneghetti	33
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
3.1 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS	36
3.2 ESTRATÉGIA ANALÍTICA	36
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	37
5 CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	55

1 INTRODUÇÃO

A lavoura é uma empresa a céu aberto e, como qualquer empreendimento, necessita de um planejamento e controle rigoroso para que os produtores tenham ao seu alcance as informações necessárias para a condução da safra, levando em consideração que o risco é muito grande quando se trabalha com condições climáticas incontroláveis. Por isso, é imprescindível que os gastos sejam monitorados constantemente, uma vez que os resultados finais dificilmente vão se manter como projetados inicialmente.

A qualidade do desempenho e a capacidade produtiva dos trabalhadores estão atrelados ao grau de motivação que cada um possui, independentemente do trabalho que realizam, precisam ser partes vivas dos seus projetos. Para que uma pessoa se sinta motivada, só depende da força de seus motivos para alcançar os seus objetivos e satisfazer as suas necessidades. Bergamini (1994, p. 195) afirma que “a pessoa intrinsecamente motivada se autolidera, sem necessidade que algo fora dela a dirija. Seria possível, então, afirmar que, estando intrinsecamente motivada, a pessoa é a líder de si mesma”.

Dessa forma, surge o questionamento sobre quais aspectos motivam os produtores rurais e quais elementos os levaram a iniciar o trabalho no campo, bem como identificar se possuem algum controle sobre os custos incidentes em uma safra, visto que muitos deles não possui as informações necessárias ou ainda não perceberam a falta que esse controle faz para a gestão das suas propriedades.

Para encontrar essas respostas, foi aplicado aos produtores um questionário, com a finalidade de compreender como eles visualizam a realidade das suas lavouras e como isso implica na sua motivação. Dessa forma, o presente estudo busca fazer uma ligação entre administração rural e a motivação dos produtores rurais da cultura soja da quarta colônia e região. Este trabalho apresenta informações nas formas quantitativa e qualitativa, e a finalidade é contribuir com a atividade agrícola dos sojicultores, apresentando a eles as vantagens que algumas mudanças na gestão da atividade podem trazer para que produzam e cresçam cada vez mais.

1.1 TEMA

Uma propriedade rural é envolvida por diversas operações, tornando a atividade agrícola complexa e relevante. A agricultura deve ser estudada a partir de uma visão sistêmica e multidisciplinar, uma vez que são muitas variáveis para tornar a atividade rentável e atrativa. Neste contexto, o tema deste estudo é analisar quais aspectos motivam o agricultor a permanecer no campo desempenhando suas atividades de produtor rural.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos - USDA (2019), o Brasil é o segundo maior produtor de soja, com 36,10 milhões de hectares – (ha) cultivados, uma das maiores áreas destinadas a produção da cultura. Porém, não é funcional aos produtores possuírem uma vasta área de plantação se não possuírem o conhecimento necessário para gerirem suas lavouras. Outro fator importante é manter-se motivado diante da realidade do seu meio, que muitas vezes pode não ser somente de crescimento, frustrando as expectativas.

À vista disso, o presente trabalho teve como problema de pesquisa: quais aspectos motivam o agricultor a permanecer no campo?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar e analisar quais aspectos motivam o agricultor a permanecer no campo e na sua atividade produtiva.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar quais elementos levaram o produtor a começar a trabalhar no campo;
- Identificar se os produtores possuem controle sobre os seus custos de produção durante a safra;

- Identificar os principais custos de produção existentes no processo da safra agrícola.

1.4 JUSTIFICATIVA

A elaboração do presente estudo dá-se devido à autora ter convívio com diversos produtores de soja da Quarta Colônia e região, por meio do seu trabalho em uma cooperativa de recebimento de grãos e venda de insumos. Também contou com a motivação de sua vivência com as atividades agrícolas, pois sua origem é de família de agricultores, conhecendo, assim, as dificuldades dos trabalhadores em relação ao desenvolvimento das atividades no campo e ao gerenciamento delas.

Neste período, foi possível observar que muitos produtores não sabem ou têm medo de fazer um levantamento dos seus custos de produção, o que gerou a curiosidade da autora em analisar se de fato possuem ou não esse controle, pois, conforme Crepaldi (2011, p. 2),

“o proprietário deve estar conectado com o mercado, seus conhecimentos e os recursos naturais dão ao produtor a possibilidade de ter sucesso no seu negócio tendo destaque econômico. É característica do proprietário fazer a escolha de o quê, como e quanto produzir, é de grande importância ainda que o produtor rural controle as ações, avalie os resultados e compare-os”. (CREPALDI, 2011, p.2).

São diversos os fatores que influenciam na motivação dos indivíduos, e no campo isso não é diferente. Diante disso, o trabalho buscou identificar como principal ponto quais são os aspectos que motivam os produtores a permanecerem no campo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção são abordados os principais pontos que circundam o tema central desta pesquisa sobre motivação, apresentando também assuntos relevantes sobre o a produção de soja no Brasil e no Rio Grande do Sul – RS e sobre formação de custos.

2.1 A PRODUÇÃO DE SOJA NO BRASIL

No final da década de 60, a soja passou a ser reconhecida com mais importância comercial, graças a dois fatores, um deles foi a opção da cultura para o verão, já que no inverno era amplamente cultivado o trigo. O outro fator foi o aumento da criação de suínos e aves (tornando a cadeia produtiva bastante abrangente, pois animais criados com rações produzidas a partir do farelo de soja oferecem outros subprodutos que vão assegurar outras áreas da economia, como o setor de couro, fertilizantes orgânicos etc.), gerando demanda de farelo de soja para alimentação dos animais. Em 1966, a produção comercial de soja já era totalmente diferente, passando a ser uma necessidade estratégica, sendo produzidas cerca de 500 mil toneladas no país.

A inclusão da soja na agricultura brasileira ocasionou uma verdadeira revolução no setor. De uma cultura inicialmente principiante, tornou-se, em um curto período de tempo, um dos principais produtos da exploração agrícola e da economia nacional. A soja representa, no nível mundial, o papel de principal oleaginosa produzida e consumida, diante dos diversos desdobramentos que a cultura possui sendo um importante produto tanto para o consumo animal, através do farelo da soja, quanto para o consumo humano, através do óleo.

Junto com a inclusão da soja na economia brasileira, a agricultura familiar também era assunto muito forte no Brasil, conseqüentemente a sucessão também teve início junto com o reconhecimento da cultura no país, pois, começaram os debates de como dar continuidade ao negócio pertencente às famílias, que para Rosso (2012, p. 6), “assunto de sucessão na agricultura surgiu desde o início da colonização do Brasil”. Os agricultores procuram assegurar não só uma boa safra e condições para a família no momento, como também deixar para outras gerações uma herança muitas vezes em terra própria ou a continuação do arrendamento

sobre algum local, dessa forma, vão acontecendo as sucessões na agricultura. De acordo com Wanderley (2001, p. 27), “a família define estratégias que visam, ao mesmo tempo, assegurar sua sobrevivência imediata e garantir a reprodução das gerações subsequentes”.

O complexo da soja compreende uma cadeia produtiva que envolve desde produção interna, exportação do produto bruto, até a transformação voltada para a indústria esmagadora que processa a soja em farelo ou óleo para a exportação ou para consumo interno, como mencionado anteriormente. O Brasil é o segundo maior produtor, processador mundial da soja em grão do mundo e o segundo exportador mundial de soja, farelo e óleo. No entanto, podemos visualizar na Figura 1 que viemos em um crescente ganho de mercado, garantindo ao país um papel de grande potencial para o produto.

Figura 1 - Produção mundial de soja em grãos – safra 2018/2019



Fonte: CONAB, 2019.

Exponencialmente, o aumento da demanda mundial por alimentos abriu espaço para o Brasil competir globalmente no mercado das exportações de *commodities*, principalmente com os Estados Unidos – EUA, que ainda é o principal produtor e detentor de estoque da cultura e dos jogos de mercado. Nota-se pela Tabela 1 e pela Tabela 2 (mais adiante) o aumento significativo na produção da soja. Todavia, para que fosse possível atuar de forma relevante no abastecimento global da agricultura, produtores e pesquisadores brasileiros tiveram que buscar evoluções com o uso de tecnologias e a expansão das fronteiras produtivas, permitindo que a soja ganhasse escala, elevando o país ao patamar de potência agrícola, o que proporciona também aumento nas exportações.

Tabela 1 - Tabela de oferta e demanda brasileira - em mil t

SOJA EM GRÃOS:					
DESCRIÇÃO/SAFRA	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
ESTOQUE INICIAL	744,0	1.551,5	929,4	1.482,1	1.602,8
PRODUÇÃO	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	118.885,8
IMPORTAÇÃO	578,7	324,1	400,0	300,0	400,0
SUPRIMENTO	87.443,5	98.103,6	96.764,0	115.857,4	120.888,6
ESMAGAMENTO	36.800,0	39.600,0	40.200,0	41.800,0	43.000,0
SEMENTE E OUTROS	3.400,0	3.250,0	3.500,0	4.300,0	4.400,0
CONSUMO TOTAL	40.200,0	42.850,0	43.700,0	46.100,0	47.400,0
EXPORTAÇÃO	45.692,0	54.324,2	51.581,9	68.154,6	72.000,0
ESTOQUE FINAL	1.551,5	929,4	1.482,1	1.602,8	1.488,6
FARELO DE SOJA:					
DESCRIÇÃO/SAFRA	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
ESTOQUE INICIAL	445,9	267,3	833,8	1.844,8	2.854,7
PRODUÇÃO	28.336,0	30.492,0	30.954,0	32.186,0	33.110,0
IMPORTAÇÃO	1,0	1,1	0,8	1,0	1,0
SUPRIMENTO	28.782,9	30.760,5	31.788,6	34.031,8	35.965,7
CONSUMO INTERNO	14.799,3	15.100,0	15.500,0	17.000,0	17.500,0
EXPORTAÇÃO	13.716,3	14.826,7	14.443,8	14.177,1	16.500,0
ESTOQUE FINAL	267,3	833,8	1.844,8	2.854,7	1.965,7
ÓLEO DE SOJA (BRUTO E REFINADO):					
DESCRIÇÃO/SAFRA	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
ESTOQUE INICIAL	639,8	579,9	298,1	569,0	617,5
PRODUÇÃO	7.176,0	7.722,0	7.839,0	8.151,0	8.385,0
IMPORTAÇÃO	0,1	25,3	66,1	40,0	40,0
SUPRIMENTO	7.815,8	8.327,2	8.203,2	8.760,0	9.042,5
CONSUMO INTERNO	5.930,8	6.359,2	6.380,0	6.800,0	7.100,0
EXPORTAÇÃO	1.305,1	1.669,9	1.254,2	1.342,5	1.450,0
ESTOQUE FINAL	579,9	298,1	569,0	617,5	492,5

Legenda: (*) - Estimativa
(i) Refere-se ao ano civil janeiro a dezembro

Fonte: Conab/Secex e Ambiove, 2017

Dall'agnol (2000) afirma que a soja foi a grande responsável pelo surgimento da agricultura comercial brasileira, acelerando a mecanização das lavouras, modernizando o transporte, expandindo a fronteira agrícola, colaborando para a técnica e produção de outras culturas, além de patrocinar o desenvolvimento da avicultura e da suinocultura brasileira. A geração de tecnologias contribuiu para que o Brasil aumentasse sua produção de soja, passando a ocupar o segundo lugar entre os maiores produtores de soja do mundo.

Porém, não basta alcançar elevados níveis de produtividade, para que se tenha o êxito esperando deve-se saber gerenciar a produtividade obtida para

alcançar o resultado pretendido. O Brasil possui diversos fatores que contribuem para que haja grandes chances, no longo prazo, de aumento da produção agrícola. Dentre eles está o fato do Brasil possuir grandes áreas ainda inexploradas ou insuficientemente exploradas que poderão ser incorporadas à produção agropecuária.

As áreas para cultivo de soja (novas ou rotação de cultura) e a sua produtividade vêm crescendo ano após ano através das inovações nas tecnologias e aperfeiçoamento do plantio. No entanto, os desafios para sustentar este crescimento são tão grandes quanto a importância e a força da cultura para a economia brasileira e mundial. Entre os desafios estão os fatores incontroláveis, tais como o clima e oscilações da economia mundial (dólar, Chicago, prêmios, demandas), assim como fatores controláveis, que vão desde as políticas de incentivo e infraestrutura de âmbito macropolítico, passando pelas questões de tecnologia, manejo, aparecimento de novas pragas e doenças, impactos sociais, ambientais, e investimentos na produção e na propriedade.

2.2 PRODUÇÃO DE SOJA NO RS

A soja foi introduzida no RS em 1914, sendo cultivada por pequenos produtores, sem finalidade de comercialização, apenas para consumo nas propriedades, principalmente na alimentação de suínos. A sua expansão econômica só começou a ocorrer em 1947, quando teve início o primeiro avanço de comercialização e a expansão territorial passou a ser mais significativa nas décadas de 60 a 70, quando a cultura alcançou sucessivos recordes, tanto em sua área cultivada quanto em produção.

Atualmente, visualizamos, de acordo com a Tabela 2 da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, variações de produção dentre as diversas regiões/estados do Brasil e produtividade que ocorrem em razão das flutuações climáticas prejudiciais à cultura. Contudo, houve um aumento em área, produtividade e produção no RS, que tem um papel de destaque frente aos outros estados brasileiros. Com isso, o agronegócio vem investindo em conhecimento e é perceptível a diferença entre propriedades onde a gestão é aplicada com planejamento e precisão. E nos últimos anos os jovens vêm demonstrando um interesse maior pela agricultura. Porém, conforme site *Employer* RH, o campo tem

muita demanda de trabalho, mas, não é encontrada mão de obra qualificada para realizar as tarefas.

Tabela 2 - Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.931,7	1.944,1	0,6	3.056	3.005	(1,7)	5.903,9	5.842,1	(1,0)
RR	38,2	40,0	4,7	3.077	3.073	(0,1)	117,5	122,9	4,6
RO	333,6	333,6	-	3.282	3.282	-	1.094,9	1.094,9	-
AC	0,5	0,5	-	2.938	2.940	0,1	1,5	1,5	-
AM	1,5	2,2	47,0	2.250	2.884	28,2	3,4	6,3	85,3
AP	20,2	20,5	1,4	2.884	2.800	(2,9)	58,3	57,4	(1,5)
PA	549,6	527,6	(4,0)	2.785	3.071	10,3	1.530,6	1.620,3	5,9
TO	988,1	1.019,7	3,2	3.135	2.882	(8,1)	3.097,7	2.938,8	(5,1)
NORDESTE	3.263,5	3.322,9	1,8	3.631	3.149	(13,3)	11.850,7	10.463,1	(11,7)
MA	951,5	992,1	4,3	3.125	3.000	(4,0)	2.973,4	2.976,3	0,1
PI	710,5	758,1	8,7	3.573	3.032	(15,1)	2.538,6	2.298,6	(9,5)
AL	2,2	2,2	-	2.500	2.500	-	5,5	5,5	-
BA	1.599,3	1.570,5	(1,8)	3.980	3.300	(18,7)	6.333,2	5.182,7	(18,2)
CENTRO-OESTE	15.648,8	16.104,5	2,9	3.447	3.238	(6,1)	53.945,4	52.149,0	(3,3)
MT	9.518,6	9.699,5	1,9	3.394	3.313	(2,4)	32.306,1	32.134,4	(0,5)
MS	2.672,0	2.853,7	8,8	3.593	2.980	(17,1)	9.600,5	8.504,0	(11,4)
GO	3.388,7	3.478,1	2,7	3.480	3.240	(6,9)	11.785,7	11.289,0	(4,4)
DF	71,5	73,2	2,4	3.540	3.300	(6,8)	253,1	241,6	(4,5)
SUDESTE	2.470,1	2.550,9	3,3	3.625	3.151	(13,1)	8.955,0	8.037,3	(10,2)
MG	1.508,5	1.574,9	4,4	3.676	3.220	(12,4)	5.545,2	5.071,2	(8,5)
SP	991,6	976,0	1,5	3.546	3.039	(14,3)	3.409,8	2.966,1	(13,0)
SUL	11.835,1	11.879,6	0,4	3.264	3.184	(2,4)	38.626,7	37.822,4	(2,1)
PR	5.464,8	5.437,5	(0,5)	3.508	2.989	(14,8)	19.170,5	16.252,7	(15,2)
SC	678,2	664,6	(2,0)	3.400	3.585	5,4	2.305,9	2.382,6	3,3
RS	5.692,1	5.777,5	1,5	3.013	3.321	10,2	17.150,3	19.187,1	11,9
NORTE/NORDESTE	5.195,2	5.267,0	1,4	3.417	3.096	(9,4)	17.754,6	16.305,2	(8,2)
CENTRO-SUL	29.954,0	30.535,0	1,9	3.389	3.210	(5,3)	101.527,1	98.008,7	(3,5)
BRASIL	35.149,2	35.802,0	1,9	3.394	3.193	(5,9)	119.281,7	114.313,9	(4,2)

Fonte: Conab, 2017.

O aumento em relação a área plantada pode estar relacionado ao elevado nível das cotações da oleaginosa no mercado internacional e no mercado interno, que nos últimos anos tem oferecido aos produtores condições melhores para faturamento até mesmo de forma antecipada. Ninault e Oliveira (2010) ressaltam a importância do desenvolvimento tecnológico e avanços científicos no crescimento do setor produtivo da soja, destacando-se a mecanização e a criação de cultivares altamente produtivas e adaptáveis aos diversos climas e solos das regiões, bem como variadas possibilidades de manejo do solo, pragas e doenças.

Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE a área plantada no RS vem crescendo ano após ano, e comparando as safras de 2014

a 2018, tem-se um aumento de 14,4095% e na área colhida 13,327% de acréscimo. As variedades de sementes possuem capacidade de produção para mais de 200 sc/há (sacas por hectare), porém, para chegar a essa produção máxima, é necessário que o clima colabore, bem como um manejo adequado do produtor rural.

Quadro 1 – Área plantada no Rio Grande Do Sul de 2014 à 2018 – Soja

Variável - Área plantada (Hectares)				
Unidade da Federação - Rio Grande do Sul				
Produto das lavouras temporárias - Soja (em grão)				
Ano				
2014	2015	2016	2017	2018
4.990.042	5.263.899	5.464.084	5.541.860	5.709.084
Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal				

Fonte: IBGE, 2019.

Quadro 2 – Área colhida no Rio Grande Do Sul de 2014 à 2018 – Soja

Variável - Área colhida (Hectares)				
Unidade da Federação - Rio Grande do Sul				
Produto das lavouras temporárias - Soja (em grão)				
Ano				
2014	2015	2016	2017	2018
4.986.542	5.262.520	5.436.653	5.537.028	5.651.100
Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal				

Fonte: IBGE, 2019.

Dessa forma, é notável a importância que há na compreensão sobre a utilização dos insumos e o comportamento do produtor rural em manter um controle rigoroso dos custos e processos de cada safra, para que possa identificar lacunas de soluções para os principais fatores responsáveis pelas perdas nas atividades. Essas ações podem representar o aumento da produtividade frente a este mercado que ainda tem muita possibilidade de crescimento e importância para o Brasil e para o estado do RS.

2.2 CUSTOS DE PRODUÇÃO

Saber organizar, identificar e analisar os dados referente aos custos de uma safra é imprescindível para a tomada de decisão, principalmente na agricultura, por ser uma área distinta frente a qualquer outro empreendimento, seja em termos de seus custos e receitas, seja pelo tempo entre a produção e venda, além da dependência do mercado, já que a formação do preço da saca de soja é influenciada por diversos fatores e modifica-se rapidamente.

A finalidade de controlar os custos de produção é simplesmente atender a duas importantes tarefas: controle e decisão, conforme Maher (2001, p. 40), “uma das tarefas mais difíceis no cálculo das consequências de cursos de ação alternativos é estimar como custos (ou receitas ou ativos) diferirão em cada curso de ação.”.

Conforme Bruni (2008), os custos representam uma transição de um investimento que tem como destino final compor o produto que será incorporado ao estoque. Na agricultura, para produção da soja, os custos são os gastos com a preparação das terras, compra de insumos (sementes, adubos, fertilizantes), óleo diesel, pessoal, capacitações, manutenções e contratação de serviços que pode ser em qualquer parte do processo produtivo (preparação, plantação ou colheita), entre tantos outros.

A organização com suas movimentações financeiras é importante nessa etapa, pois, deve-se ter bem controlado tudo o que for gasto (depreciação, custos de manutenção, produtos, insumos, administrativos, arrendamento, estoque etc.) e o que for receita, bem estruturado e condizendo com a atividade produtiva. Assim, é realizado um controle e avaliação das receitas e resultados, podendo determinar o melhor momento de compra e venda de produtos e insumos.

O custo com o passar do tempo ganhou objetivos amplos e definidos, os quais mostram sua grande importância na administração do negócio de qualquer área, especialmente na agricultura, em que os tempos entre a produção e venda fogem das ações simples dos outros negócios, exigindo assim, técnicas elaboradas não só dos custos, mas também dos resultados econômicos do negócio (SANTOS et al., 2012, p. 34).

Os custos durante a safra (preparação do solo, plantio, manutenção, colheita)

devem ser mensurados em planilha (ou através de anotações), pontuando todas as despesas diretas e indiretas da lavoura, para que haja um controle rigoroso sobre todos os seus gastos, criando um arquivo sobre todas as suas safras. Dessa forma, consegue-se acompanhar a evolução do negócio, as melhorias e o que ainda falta evoluir.

Com esses registros, pode-se controlar e planejar as tomadas de decisões e mensuração exata da receita. Esse diferencial faz com que o produtor passe a ser um empresário rural, com informações e conhecimento para enfrentar melhor a gestão do seu negócio, mostrando o real custo do seu produto. Baseando-se em dados, existe fundamentação para a escolha do melhor caminho, podendo, assim, atingir melhores resultados.

De acordo com Crepaldi (2005, p. 84), a contabilidade rural tem as seguintes finalidades:

- Orientar as operações agrícolas e pecuárias;
- Medir o desempenho econômico-financeiro da empresa e de cada atividade produtiva individualmente;
- Controlar as transações financeiras;
- Apoiar as tomadas de decisões no planejamento da produção, das vendas e dos investimentos;
- Auxiliar as projeções de fluxos da caixa e necessidades de crédito;
- Permitir a comparação da performance da empresa no tempo e desta com outras empresas;
- Conduzir as despesas pessoais do proprietário e de sua família;
- Justificar a liquidez e a capacidade de pagamento da empresa junto aos agentes financeiros e outros credores;
- Servir de base para seguros, arrendamentos e outros contratos;
- Gerar informações para a declaração do imposto de renda.

2.2.1 Descrição das Variáveis que Afetam o Processo

Para a análise dos custos de produção, devem ser considerados os gastos com o preparo do solo antes do plantio até a efetiva colheita. Seguidos dos custos com sementes, químicos, trabalho, capital, terra, transporte e quantos mais forem necessários no seu processo. Assim, a contabilidade de custos é importante para qualquer tipo de empreendimento, e não é diferente no meio rural, pois ela permite que as informações sejam registradas para que possamos visualizar o real custo do produto, desse modo tem-se fundamentação para tomadas de decisões.

Segundo Martins (2001, p. 22):

Nesse seu novo campo, a contabilidade de custos tem duas funções relevantes: no auxílio ao controle e na ajuda às tomadas de decisões. No que diz respeito ao controle, sua mais importante missão é fornecer dados para o estabelecimento de padrões, orçamentos e outras formas de previsão e, num estágio imediatamente seguinte, acompanhar o efetivamente acontecido para comparação com os valores anteriormente definidos.

Os custos devem ser classificados quanto a sua natureza, como foram consumidos na produção de acordo com sua identidade natural, conforme Santos, Marion e Segatti (2002, p.42):

- a) **Materiais ou insumos:** materiais necessários ao processo de obtenção do novo produto. Ex: fertilizantes, sementes, etc.
- b) **Mão-de-obra direta:** salários, encargos sociais e benefícios do pessoal envolvido diretamente na produção. Ex.: tratorista, safrista, etc.
- c) **Mão-de-obra indireta:** pessoal empregado indiretamente na produção. Ex: técnico agrícola, engenheiro agrônomo etc.
- d) **Manutenção de máquinas e equipamentos:** gastos com peças e serviços de reparos nos maquinários e equipamentos da propriedade rural.
- e) **Depreciação de máquinas e equipamentos:** parcela correspondente à taxa de depreciação pelo uso das mesmas máquinas e equipamentos.
- f) **Combustíveis e lubrificantes:** utilizados pelas máquinas, como por exemplo os tratores.

Os custos também são divididos em fixos e variáveis. Para Oliveira e Perez JR (2009, p.64), custos fixos são aqueles que permanecem constantes dentro de determinada capacidade instalada, independentemente do volume de produção. Consequentemente, não são identificados como custos da produção do período, mas como custos de um período de produção.

De outra forma, os custos variáveis para Oliveira e Perez JR (2009, p. 68) são aqueles custos que mantêm uma relação direta com o volume de produção ou serviço e, consequentemente, podem ser identificados como os produtos. Sendo assim, por exemplo, os custos fixos são compostos pelos itens: manutenção periódica e depreciação, seguro do capital fixo e custo da terra. Já os custos variáveis têm a composição dos seguintes itens: sementes, fertilizantes e defensivos, mão de obra, operações com máquinas, assistência técnica, transporte

da produção, beneficiamento, armazenagem, impostos, juros do financiamento e despesas de comercialização entre outros.

Quadro 3 - Custo operacional de produção agrícola

Custos variáveis	Custeio	Insumos
		Operações
		Funcionários (safra)
	Pós-colheita	Consultoria / Assistência técnica
		Transporte
		Comercialização (classificação e beneficiamento)
		Armazenagem
		Impostos
	Financeiro	Seguros
		Juros de financiamento (custeio)
Custos fixos	Custo Anual de Recuperação do Patrimônio (CARP)	Juros de financiamento (máquinas e construções)
		Depreciações (máquinas e construções)
		Manutenções (máquinas e construções)
	Administrativo	Cantina
		Almoxarifado
		Escritório
		Funcionários (entressafra)
		Despesas administrativas
		Pró-labore (remuneração do(s) proprietário(s))

Fonte: Souza, 2019.

Nos custos diretos não há necessidade de realizar rateio, os custos são apropriados diretamente aos produtos. Segundo Crepaldi (1998, p. 91), “custos diretos são aqueles que podem ser diretamente (sem rateio) apropriado aos produtos agrícolas, bastando exigir uma medida de consumo (quilos, horas de mão de obra ou de máquina, quantidade de força consumida etc.)”. Diferentemente nos custos indiretos, em que há necessidade de se realizar rateio, pois são custos que

não oferecem condições de medida e para alocá-los aos produtos ou serviços é necessário a utilização de estimativas. Segundo Crepaldi (1998, p. 91), “custos indiretos são aqueles que para serem incorporados aos produtos agrícolas, necessitam da utilização de alguns critérios de rateio”.

Levando em consideração os tipos de custos mencionados, a contabilidade de custos requer a existência de métodos de custeio para que, ao final do processo, seja possível obter o valor a ser atribuído ao objeto produzido. Santos (2005, p. 3) afirma que “o conhecimento do custo operacional e o seu reflexo em todo produto ou serviço são condições preponderantes de sobrevivência em qualquer negócio com ou sem fins lucrativos”.

É importante que o produtor rural escolha o método de custeio mais apropriado para realizar, e por isso deve conhecer as vantagens e desvantagens de cada um deles. Podemos destacar os seguintes métodos de custeio:

a) Custeio por absorção significa ter o custo total de cada objeto de custeio:

É aquele que faz debitar ao custo dos produtos todos os custos da área da fabricação, sejam esses custos definidos como custos diretos ou indiretos, fixos ou variáveis, de estrutura ou operacionais. O próprio nome do critério é revelador dessa particularidade, ou seja, o procedimento é fazer com que cada produto ou produção (ou serviço) absorva parcelas dos custos diretos e indiretos, relacionados a fabricação. (LEONE, 1996, p. 238).

b) Custeio variável ou direto: exclui os custos fixos, é apropriação de todos os custos variáveis, quer direto quer indireto. É um tipo de custeamento que considera como custos de produção de um período apenas os custos variáveis incorridos, desprezando os custos fixos (CREPALDI, 2009).

É necessário ter conhecimento sobre qual o ponto em que nem se ganha e nem perde dinheiro, por exemplo: se forem gastos no total de uma safra 30 sacos por hectare para sua produção, acima desse ponto o produtor começa a apresentar lucros e abaixo sofre perdas, para tal deve-se ter conhecimento do ponto de equilíbrio. Segundo Oliveira e Perez Jr (2009),

“com o ponto de equilíbrio pode-se determinar o nível de atividade necessário para cobrir todos os custos e despesas, avaliar a lucratividade em vários níveis de venda e favorecer a análise dos efeitos da lucratividade decorrente de alterações nos custos fixos e variáveis, nas despesas, no

volume de vendas, no preço de vendas e na distribuição de produtos vendidos”.

Uma alternativa para os produtores e que estão aderindo cada vez mais nos últimos anos é a realização de contratos futuros, que nada mais é do que a fixação de um preço, quantidade de sacos, data de pagamento e prazo de entrega na operação de compra e venda da soja.

A BM&F (2006), assim define contrato futuro:

É um conjunto de cláusulas estabelecidas pela Bolsa, que define de forma padronizada o objeto de negociação, a quantidade negociada, os meses de vencimento, os locais e os procedimentos de entrega e os custos envolvidos na operação de compra e venda do ativo-objeto negociado. A adesão ao contrato compromete as partes na venda ou na compra de produtos (commodities) agropecuários e/ou ativos financeiros para liquidação (vencimento) em data futura.

Portanto, nesses tipos de operações, o produtor rural tem a vantagem de poder fixar um preço de venda suficiente para cobrir seus custos de produção e garantir margem de lucro, através de gestão de custos e riscos. Neste contexto, os mercados futuros de commodities agropecuárias são uma forma de proporcionar certa segurança, em meio a tanto risco para o produtor rural, possibilitando, assim, garantia quanto à queda ou à elevação de preços.

2.3 MOTIVAÇÃO

Levando em consideração a complexidade de que se trata o tema, existem muitas teorias motivacionais, pois, cada indivíduo se sente motivado por alguma razão distinta. A motivação é o que nos move, conforme Meneghetti (2007, p. 405), do latim, “*motus actionis*” = movimento de ação. Como e onde vai o mover-se. O “porquê” da ação. A causa ou ação que ativa o resultado. A motivação é ativada a partir dos impasses de cada indivíduo, neste sentido, ninguém consegue motivar alguém, mas conhecendo as necessidades de cada um e quais os fatores satisfazem essas necessidades, pode-se dar as condições para manter essa pessoa motivada.

A motivação, então, é um processo intrínseco de cada um, onde fatores internos e externos vão influenciar de formas diferentes cada indivíduo, e para Deci (1996, p.21),

“a maneira mais fundamental e útil de pensar a respeito desse assunto envolve a aceitação do conceito de motivação intrínseca, que se refere ao processo de desenvolver uma atividade pelo prazer que ela mesma proporciona, isto é, desenvolver uma atividade pela recompensa inerente a essa mesma atividade.”.

Ainda é possível correlacionar com o que reconhece Minarla (1987, p. 45), “a motivação interior impulsiona o indivíduo a utilizar suas aptidões, mas a realização desse desejo pode ser tanto facilitada como bloqueada pelo modo como funciona o ambiente de trabalho”.

Quando se obtêm as informações necessárias para conseguir expor em dados concretos o que se precisa saber, sendo positivo ou negativo, se torna mais fácil motivar-se por algo real, seja motivando para melhorar o que não está bom, como motivar para melhorar ainda mais o que já está bom. A motivação é como “uma força interna responsável pelo nível, direção e persistência do esforço dispendido no trabalho” (SCHERMERHORN, 2007, p. 96).

Diante do que já foi abordado sobre os riscos e desafios que os produtores rurais devem aprender a lidar, é perceptível que a atividade agrícola pode apresentar diversas surpresas ao longo do caminho, sejam elas: proibição de algum herbicida muito utilizado, falta de chuva ou chuva em excesso em épocas que se necessitaria justamente o contrário ou até mesmo o valor da saca de soja inferior ao mínimo que precisaria para cobrir as suas despesas referente àquela safra, são alguns exemplos de acontecimentos que não se pode controlar mas que atingem diretamente a motivação do produtor, pois, colocam em risco todo seu planejamento e até mesmo o lucro de uma safra.

Dessa forma, Bergamini (1997, p. 32) destaca que:

É importante que se leve em consideração a existência das diferenças individuais e culturais entre as pessoas quando se fala em motivação. Esse diferencial não só pode afetar significativamente a interpretação de um desejo, mas também o entendimento da maneira particular como as pessoas agem na busca dos seus objetivos.

Cada pessoa é motivada por algo diferente, de maneiras distintas, pois

existem diferenças individuais geradas pelas experiências ao longo da vida. A motivação gera um impulso, uma ação por fatores extrínsecos ao indivíduo, ou seja, ações influenciadas pelo ambiente externo. Sob a análise de Meneghetti (2013, p. 281):

A motivação está ligada às necessidades, definida como a carência de alguma “coisa” capaz de induzir o indivíduo a agir (colocar-se em movimento) para procurá-la; o homem, em outros termos, ativa-se colocando em ato um comportamento que considera capaz de satisfazer a necessidade mediante a conquista daquele bem ou daquela condição qual sente falta.

A motivação é instigada a partir da necessidade que o indivíduo possui sobre determinada coisa e a paixão que sente pelo que faz e almeja, dessa forma, se dedica para conquistar o que deseja, é necessário que se tenha amor pelo que faz, de acordo com Meneghetti (2008), “um líder deve amar o objeto que produz (...). O amor do líder pelo seu produto é uma atração (...). O amor que o líder tem pelo seu produto é uma distribuição de valores subjetivos” (MENEGETTI, 2008, p. 70).

Assim, para amar mais o que faz e produz, o produtor não pode tratar a terra como um objeto, apenas utilizar-se dela e não sentir a troca de sensações que a natureza transmite. Conforme Meneghetti (2011, p.287), “saber interagir e poder mediar-se no interior da sua terra, mas não como faz o agricultor que é escravo da terra”. Deve-se ter uma interação inteligente, aprender a trabalhar a terra, pois ela oferece muito mais do que se possa imaginar, desde que se saiba interagir e geri-la.

As teorias utilizadas para dar embasamento teórico a este estudo são: teoria da fixação de objetivos, teoria das necessidades de Maslow, teoria das necessidades de Mc Clelland, teoria do estabelecimento dos objetivos e a pirâmide de Maslow por Meneghetti.

2.3.1 Teoria da Fixação de Objetivos

A teoria foi proposta por Edwin Locke em 1960 e sugere que quando se tem um objetivo específico traçado, que se pode quantificar, é possível à pessoa saber quando ela está dando o melhor de si. Por essa razão, o indivíduo desempenha melhor as suas funções e se esforça mais para chegar ao resultado. Essa teoria ainda evidencia que quanto maior for o objetivo traçado, mais atenção requer, bem

como maior capacidade de solucionar problemas; por ser mais elevado o desprendimento de energia, conseqüentemente, também é maior a motivação para alcançar esse objetivo. Conforme Bergamini (1998, p. 16):

A colocação de objetivos a serem colimados é crucial para o processo de ajustamento individual e autoestima. Fica claro, portanto, que a psicodinâmica motivacional tem um papel importante a desempenhar no processo de ajustamento ou desagregação da personalidade. Ser capaz de propor-se objetivos possíveis de serem atingidos favorece a autoconfiança.

Além disso, um ponto importante para que seja alcançado o objetivo é o nível de comprometimento da pessoa com o que foi estabelecido, o quanto ela está disposta a trabalhar fisicamente e emocionalmente para que as metas se concretizem. É necessário acreditar que conseguirá atingir o objetivo proposto e agir para alcançá-lo com eficácia.

2.3.2 Teoria da Hierarquia das Necessidades – Abraham Maslow

Pioneiro no estudo sobre motivação, Abraham Maslow foi um famoso psicólogo desenvolvedor da teoria das necessidades, na qual a baseou por meio dos tratamentos que realizava nos seus pacientes que apresentavam cinco diferentes tipos de necessidades, sendo elas: fisiológicas, relacionadas com o ser humano no sentido biológico (sede, fome, abrigo, sono...); de segurança, ou seja, para que o ser humano possa sentir-se seguro (emprego estável, plano de saúde, moradia...); sociais, que significa manter relações humanas com harmonia (pertencer a um grupo, manter relações de amizade e afeto); estima, tanto internamente quanto externamente: é sentir-se digno, respeitado (status, reconhecimento); e, por fim, a autorrealização, a necessidade de aproveitar todo o potencial próprio para ser tudo aquilo que se pode ser (crescimento, alcance do próprio potencial).

Conforme Bergamini (1982, p. 117):

A ideia de hierarquizar os motivos humanos foi, sem dúvida, a solução inovadora para que se pudesse compreender melhor o comportamento humano na sua variedade, não só relacionando esses motivos a único indivíduo, como também estudando-os em pessoas diferentes.

Para uma melhor visualização, organizou-se em formato de pirâmide as necessidades identificadas, conforme o grau de importância que cada uma delas

possui. Dessa forma, cria-se uma hierarquia de necessidades, devendo partir da necessidade fisiológica que está na base da pirâmide, partindo para cada nível subsequente, até alcançar o topo.

Para atingir os níveis de satisfação mais altos, primeiro deve-se sanar as necessidades de nível inferior. Por meio da Pirâmide, é possível também compreender quais objetivos estão em foco no momento, ou seja, quais necessidades entusiasmam o comportamento naquela situação.

A Figura 2 ilustra a Pirâmide nas Necessidades com breves explicações.

Figura 2 - Pirâmide das Necessidades de Maslow



Fonte: Tretim, 2012.

Entretanto, para Maximiano (2008, p. 264), embora exista uma ordem hierárquica de prioridades a seguir, a autorrealização pode ocorrer em qualquer ponto da escala da motivação em uma ou mais quantidades, e quando atendida, deixa de fazer sentido e a pessoa passa a ser motivada pela ordem seguinte.

2.3.3 Teoria das Necessidades de Mc Clelland

Duas décadas após Abraham Maslow criar a teoria das necessidades, Mc Clelland desenvolve sua teoria baseada em três necessidades motivacionais básicas que os seres humanos possuem e que uma delas será motivador principal: a necessidade de realização, poder e associação.

A realização tem como motivador dominante a busca pelo sucesso pessoal, onde as pessoas possuem maior probabilidade de assumir riscos e serem inquietas na busca das suas metas, de acordo com padrões. Buscam sempre desenvolver com mérito todos os objetivos, o que as tornam destaque no que fazem. Já a necessidade por poder pode fazer com que as pessoas queiram controlar e influenciar os demais, agindo de forma não natural para conquistar status e reconhecimento, buscando entrar em competições para mostrar que são os melhores. Enquanto que a associação é a necessidade de pertencimento a um grupo, possuir relações interpessoais colaborativas, o que faz essas pessoas estarem normalmente de acordo com a opinião do grupo e possuírem a necessidade de se sentirem queridas e aceitas pelos demais.

2.3.4 Teoria da Expectativa – Victor Vroom

Segundo Robbins (2002) a Teoria de Vroom explica que o interesse do indivíduo parte da combinação entre escolhas afetivas, vontade e a expectativa que cada um possui. Como consequência a motivação possui três dimensões:

- A expectativa, que julga que quanto mais esforço dispender, maior será seu desempenho e o que o indivíduo julga ser capaz de fazer após realizar um esforço;

- A Instrumentalidade, que significa que o sujeito acredita que, por cumprir a expectativa de desempenho, atinge o objetivo esperado e há uma recompensa por isso;

- A Valência, que é expressada através do grau de importância que o indivíduo dá para as recompensas que recebe. Ou seja, se o indivíduo tem uma meta estabelecida, trabalhará para alcançá-la desempenhando o máximo de si para receber a recompensa do seu esforço ao final.

2.3.5 Pirâmide de Maslow por Meneghetti

Para Meneghetti (2013), a pirâmide de Maslow é apenas uma projeção social, que faz com que os indivíduos pensem e ajam em massa, deixando de lado suas razões individuais e quem realmente são. Não os instiga a se perguntarem quem são, ou, o que fazem, apenas condiciona-os dentro de um padrão. Entretanto, é amplamente utilizada como base nas teorias da administração.

Dessa forma, deve-se pensar em primeiro lugar na ação, no trabalho e na realização e, após isso, as relações de amizade com pessoas que representem vantagens para crescimento mútuo, relações de ganho para realização. Finalizando, deve estar o amor, que só pode ser realizado quando as bases estiverem alicerçadas e o indivíduo tiver encontrado a si mesmo (internamente e externamente).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção apresenta os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização deste estudo e, a fim de obter respostas ao problema proposto, que, para tanto, foi realizada uma pesquisa descritiva, possuindo como principal objetivo a apresentação das características de determinada população ou fenômeno. Uma das principais características da pesquisa descritiva está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados como o questionário (GIL, 1946), sendo este o instrumento de coleta de dados adotado no presente estudo.

Os dados coletados foram analisados sob abordagens qualitativas e quantitativas, para garantir a veracidade dos dados. Segundo Minayo (2001, p. 22), a pesquisa qualitativa “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Já a pesquisa quantitativa, conforme Ramos, Ramos e Busnello (2003), são utilizadas quando os dados coletados podem ser mensurados em números, classificados e analisados, utilizando-se de técnicas estatísticas.

Quanto à natureza, o presente estudo é caracterizado por ser uma pesquisa aplicada e voltada à busca de conhecimentos relacionados a uma situação

específica, verificável e real (GIL, 2010).

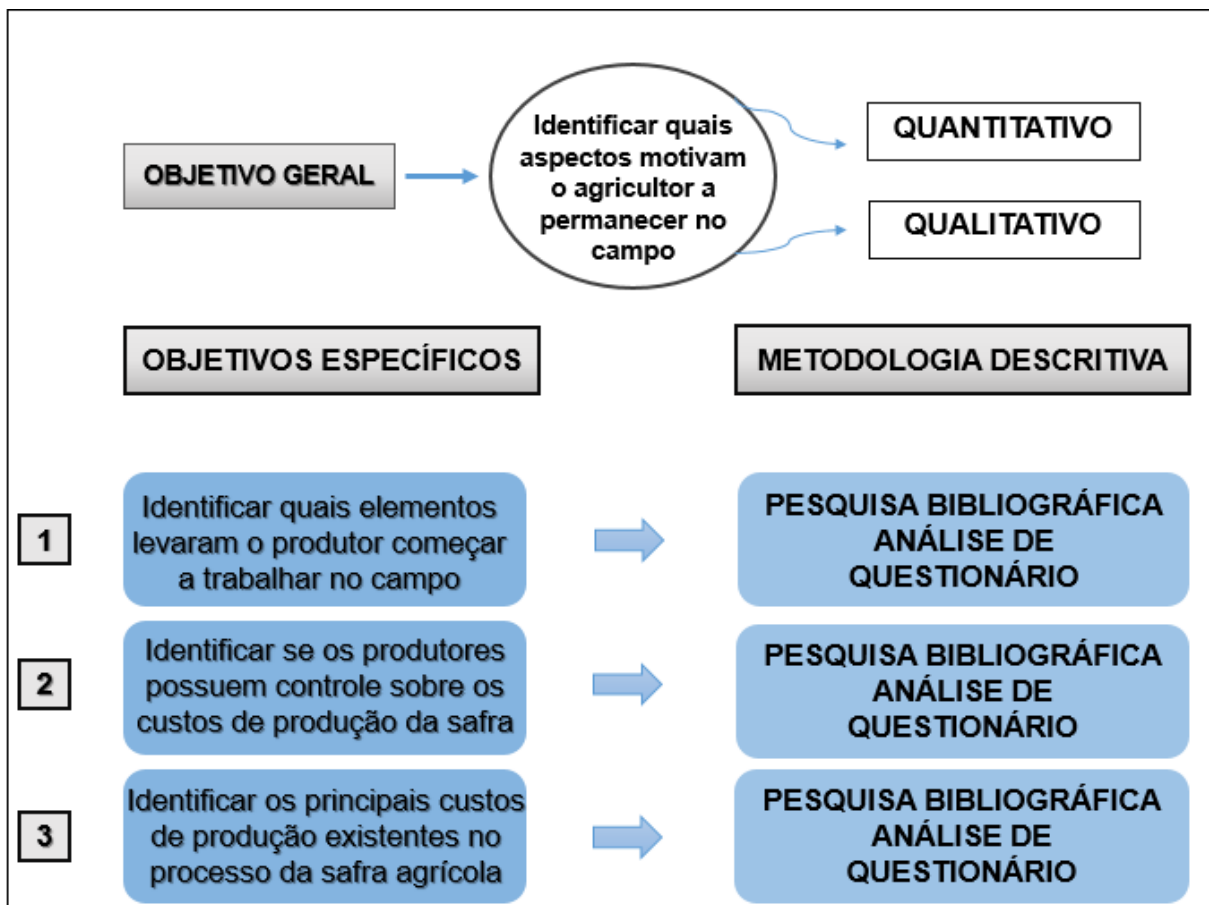
Com relação aos objetivos deste trabalho, esta pesquisa classifica-se como sendo de cunho descritivo. Assim, de acordo com Gil (2010, p. 27), as pesquisas descritivas são caracterizadas, fundamentalmente, por estudar as características de um determinado grupo ou população, com a finalidade de identificar possíveis relações entre as variáveis, tais como: escolaridade, gênero, idade, cultura entre outros.

Quadro 4 – Tipologia de pesquisa

Quanto a sua Natureza	Quanto à forma de abordagem	Quanto aos seus objetivos	Quanto aos procedimentos técnicos
APLICADA	QUALITATIVA E QUANTITATIVA	DESCRITIVA	BIBLIOGRÁFICA

Fonte: Autora, 2019.

Figura 3 – Metodologia

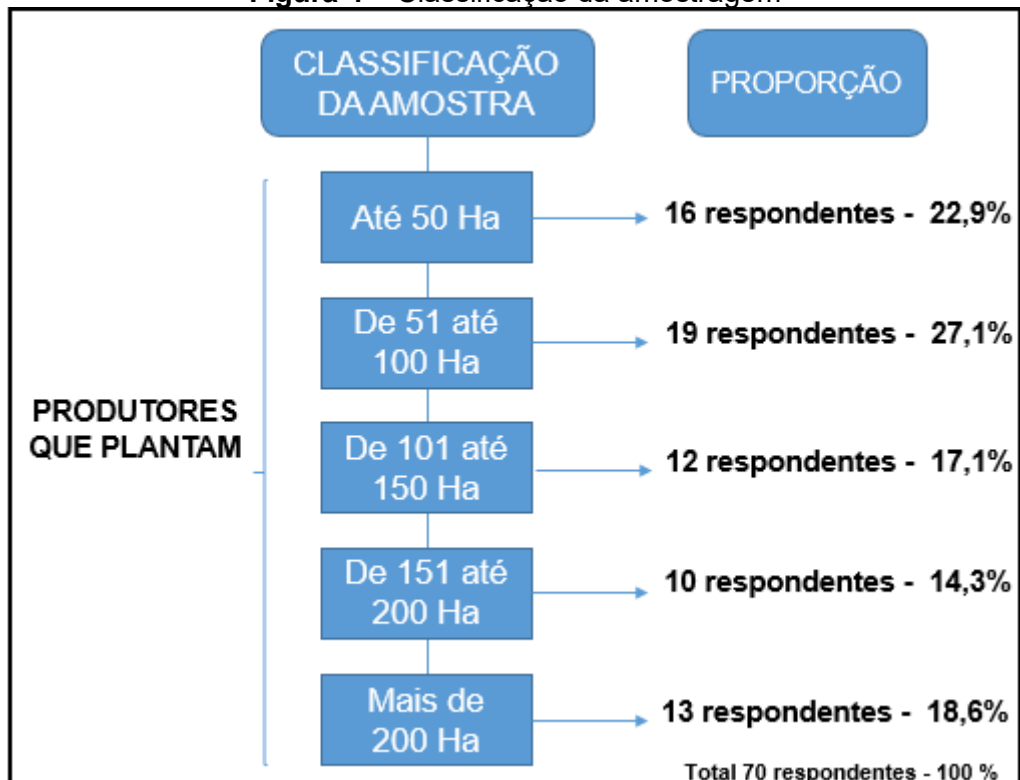


Fonte: Autora, 2019.

A coleta de dados foi realizada através da amostragem por conveniência, onde o pesquisador pode escolher os elementos, considerando a sua disponibilidade ou acessibilidade, descartando critérios estatísticos para sua determinação (NIELSEM; OLIVIO; MORILHAS, 2018). Ou seja, para chegar ao número de 70 produtores rurais da quarta colônia e região entrevistados, utilizou-se o critério de amostragem não-probabilística, pois, considerando que a pesquisa foi realizada presencialmente com cada indivíduo, seria inviável pelo curto tempo, empecilhos de deslocamento e custo para realiza-la presencialmente através de amostra probabilística com o número total de produtores que plantam na região.

Ainda, foi utilizada amostragem por área, pois não se conhece o total dos componentes da população, levando em consideração que se pode levantar o número de inscrições estaduais dos municípios, porém é inviável separar quais estão ativas para a cultura da soja. Classificou-se, então, os entrevistados pela quantidade de hectares que plantam, determinando uma proporção da população para cada classe, fixando cotas que ficassem em proporção quanto às divisões consideradas.

Figura 4 – Classificação da amostragem



Fonte: Autora, 2019.

A realização da pesquisa foi através de um questionário contendo perguntas abertas e fechadas, o qual foi elaborado pela autora e posteriormente validado. Isto porque, de acordo com Malhotra (2006), as principais vantagens deste método dizem respeito à fácil aplicabilidade e à confiabilidade dos dados, bem como a simplicidade na codificação, análise e interpretação dos dados.

3.1 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados a partir de um questionário abrangendo uma quantidade de 70 produtores do sexo masculino da Quarta Colônia e região com idade entre 18 a 70 anos. Após a coleta realizada presencialmente pela autora, foram tabulados e organizados os dados gerando gráficos e tabelas para gerar melhor observação através dos programas Microsoft Excel e o Google Formns.

3.2 ESTRATÉGIA ANALÍTICA

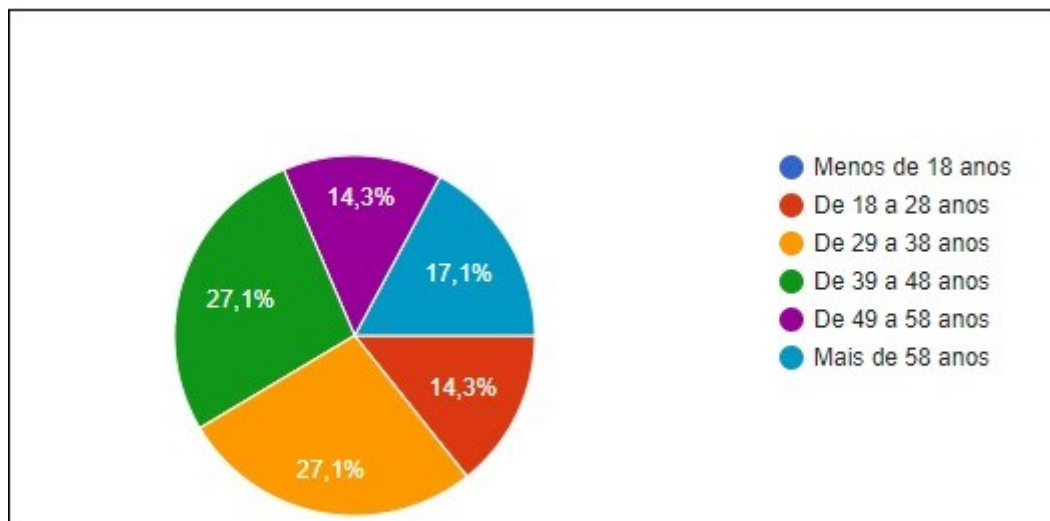
Por meio dos dados coletados, foi realizada a análise estatística, utilizando também a análise descritiva, em que os dados são interpretados e discutidos, com amparo das pesquisas bibliográficas. Para Fonseca (2002, p. 32), “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites...”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Buscando identificar quais aspectos influenciam a motivação e a tomada de decisão dos produtores rurais, procedeu-se com a aplicação do questionário a 70 produtores dos municípios: Agudo, Formigueiro, Nova Palma, Restinga Sêca, Santa Maria, São João do Polêsine e São Sepé, dois quais 100% foram do sexo masculino, o que demonstra que o trabalho rural ainda é praticado na sua grande maioria pelos homens e que a lavoura é basicamente um ambiente masculino de trabalho.

Os dados obtidos com o instrumento de coleta são apresentados a seguir, começando pela descrição dos participantes do presente estudo. O Gráfico 1 mostra que a faixa etária das respondentes é 14,3% de 18 a 28 anos, 27,1% de 29 a 38 anos, 27,1% de 39 a 48 anos, 14,3% de 49 a 58 anos e 17,1% acima de 58 anos.

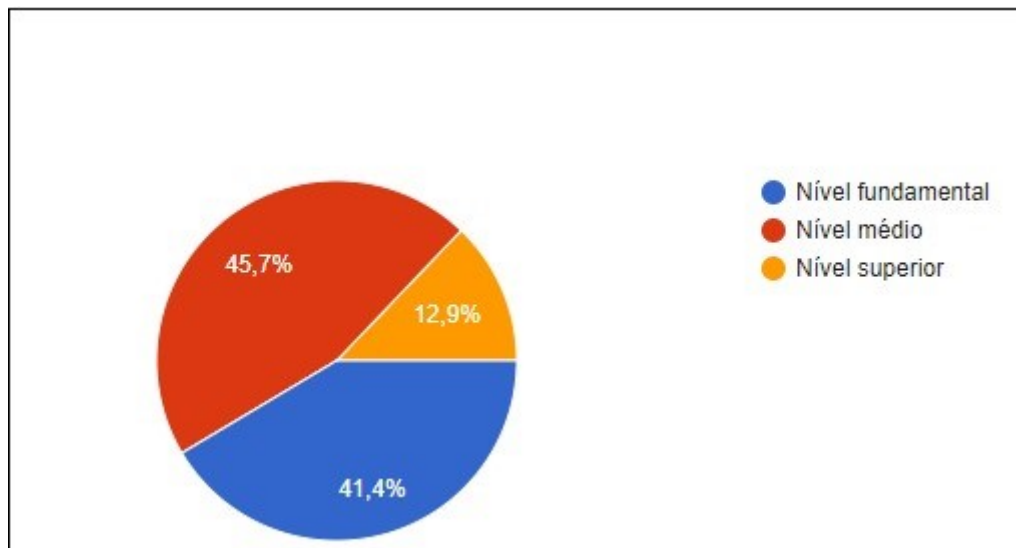
Gráfico 1 – Faixa etária (idade)



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Percebe-se, a partir do Gráfico 1, que a faixa dominante de idade é entre os 18 aos 48 anos, o que se considera uma população jovem.

Através dos dados obtidos no Gráfico 2, nota-se que a maioria dos respondentes, totalizando 45,7%, possuem nível médio, enquanto que 41,4% concluíram o fundamental e 12,9% cursaram o nível superior.

Gráfico 2 – Grau de escolaridade

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Um dos problemas que ainda são encontrados no trabalho rural é a falta de mão de obra devidamente qualificada, de acordo com o *Employer* RH. O Gráfico 2 vai ao encontro dessa afirmação, visto que poucos produtores procuram se aprofundar nos estudos. É possível que essa realidade fundamente-se na crença popular de que a atividade agrícola exige mais conhecimentos práticos e empíricos, baseados na experiência e nas vivências do produtor. No entanto, muitas formações abrangem conhecimentos de aplicação direta e efetiva no agronegócio. O próprio conhecimento sobre controle de custos, abordado nesta pesquisa, é um exemplo do quanto o estudo, o domínio de várias técnicas, impactam na eficiência, sustentabilidade e inovação em um empreendimento – seja ele agrícola ou não.

Quanto à formação profissional e cursos que os produtores possuem para agregar maior conhecimento e desenvolvimento nas suas propriedades, os dados estão distribuídos no Quadro 5. da seguinte forma: 9,5% possuem graduação, 12,5% possuem curso técnico, 15,5% possuem cursos variados ligados diretamente a agricultura e 62,5% não possuem nenhuma formação ou curso.

Quadro 5 – Formação profissional/cursos dos entrevistados

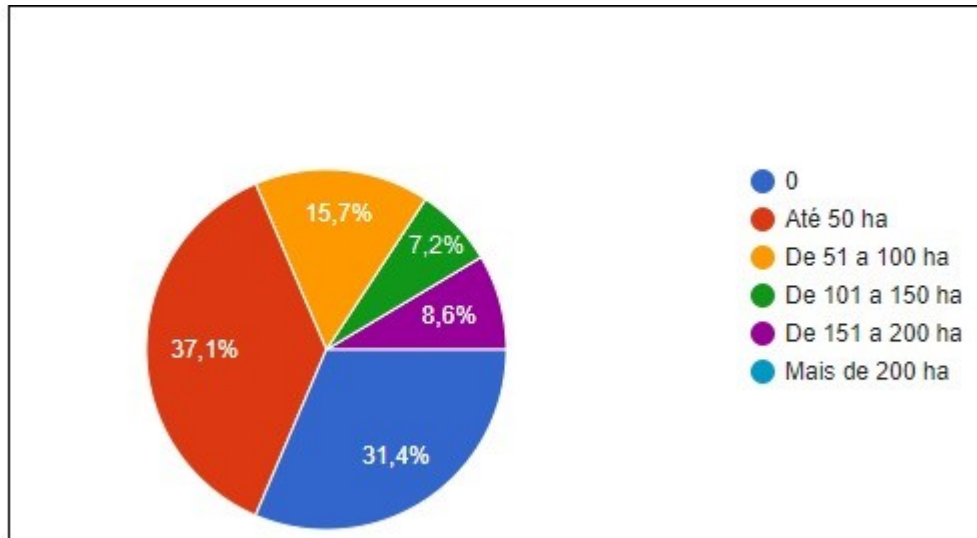
FORMAÇÃO PROFISSIONAL/CURSOS		
GRADUAÇÃO	ADMINISTRADOR	9,5%
	AGRÔNOMO	
	AGRÔNOMO	
	ENGENHEIRO AGRÔNOMO	
	ENGENHARIA MECÂNICA	
	ZOOTECNIA	
TÉCNICO	TÉCNICO EM MECÂNICA	12,5%
	MARCENARIA	
	ELÉTRICA AUTOMOTIVA E RESIDENCIAL	
	TÉCNICO ADMINISTRATIVO	
	TÉCNICO AGRÍCOLA	
	TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO	
	TÉCNICO EM MECÂNICA	
	TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA	
	CURSOS TÉCNICOS	
	TECNOLOGIA EM AGRONEGÓCIO	
	TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA	
CURSOS DA ÁREA DA AGRICULTURA	CURSO NR31	15,5%
	APLICAÇÃO DE VENENOS	
	TIRAR NÍVEL DA LAVOURA	
	MANUTENÇÃO DE MÁQUINAS	
	MOTORISTA PROFISSIONAL	
	UTILIZAÇÃO DE COLHEITADEIRA, MOTOSSERRA	
	APLICAÇÃO DE INSUMOS	
	APLICAÇÃO DE FUNGICIDAS	
	APLICAÇÃO DE FUNGICIDAS	
CURSO NR31		
62,5 % NÃO POSSUEM NENHUMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL OU CURSOS		

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Nos próximos gráficos são expostos dados quanto à propriedade dos indivíduos, qual a proporção de área própria, de área arrendada e o total de cultivo. Possuir terra própria é um dos fatores que interferem na lucratividade do produtor rural, pois, em alguns casos, o valor pago de arrendamento torna-se inviável para que se consiga obter lucro.

O Gráfico 3 mostra que 37,1% possuem terra própria até 50 ha, 31,4% dos respondentes não possuem terra própria, 15,7% possuem terra própria entre 51 a 100 ha, 7,2% possuem de 101 a 150 ha, 8,6% possuem de 151 a 200 ha e ninguém possui área própria ultrapassando os 200 ha.

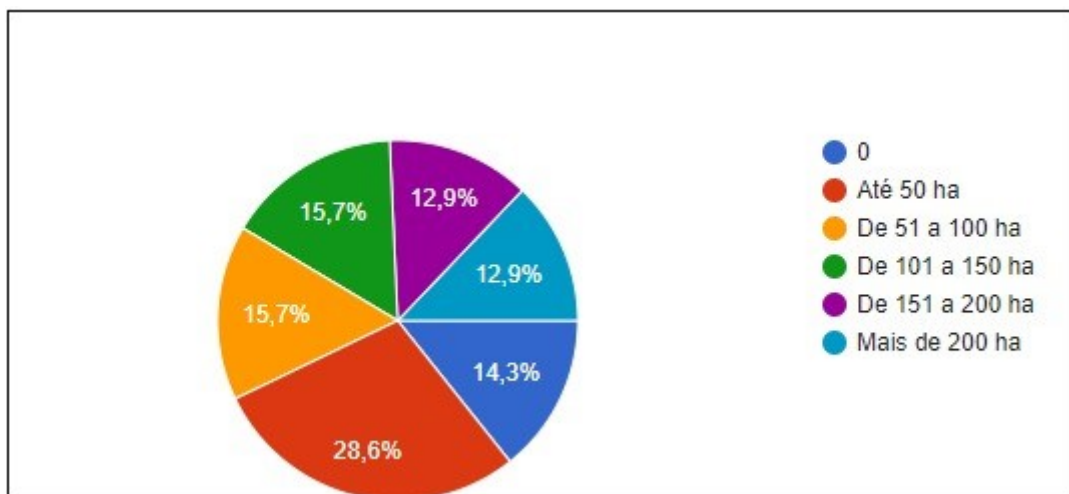
Gráfico 3 – Proporção de área própria distribuída em faixa de hectares



Fonte: Autora, 2019.

A partir do Gráfico 3, percebe-se que, da amostra de produtores rurais pesquisada, maior parte deles (68,5%) tem uma área relativamente pequena, de até 50 ha, ou nenhuma área própria. A quantidade de área arrendada é apresentada no Gráfico 4, em que: 14,3% que não possuem nada de arrendamento, 28,6% arrendam até 50 ha, 15,7% de 51 a 100 ha, 15,7% de 101 a 150 ha, 12,9% de 151 a 200 ha e 12,9% arrendam mais de 200 ha.

Gráfico 4 – Proporção de área arrendada distribuída em faixa de hectares



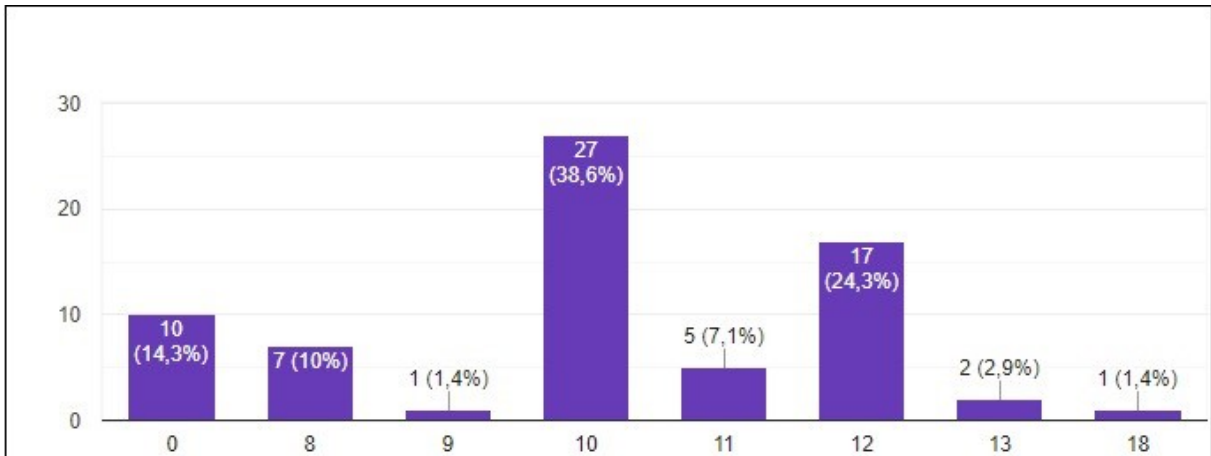
Fonte: Autora, 2019.

Pelo Gráfico 4, compreende-se que a maior parte dos produtores arrenda de

terceiros uma pequena área, de até 50 ha. A partir desses dados, evidencia-se que se trata de uma região de produtores predominantemente pequenos e médios, considerando ainda que nenhum produtor é proprietário de 200 ha ou mais e somente 12,9% arrendam uma área superior a esse número.

O valor pago de arrendamento está distribuído no Gráfico 5, em que o maior valor praticado na região é de 10 sc/ha de soja, equivalendo a 38,6% dos respondentes. Na sequência, 24,3% pagam 12 sc/ha, 10% pagam 8 sc/ha, 7,1% pagam 11 sc/ha, 2,9% pagam 13 sc/ha, 1,4% pagam 9 e 18 sc/ha, enquanto que 14,3% não pagam arrendamento.

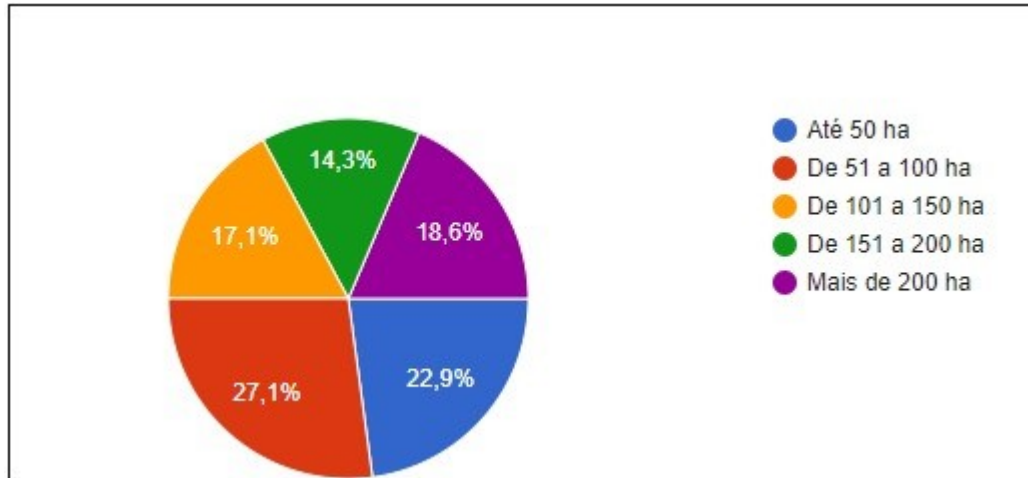
Gráfico 5 – Valor pago de arrendamento em sacos/há



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

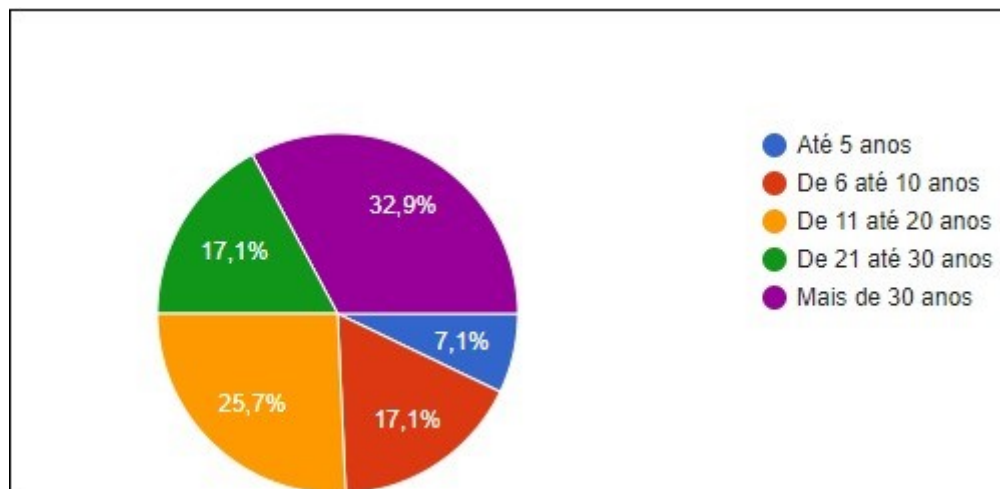
Pelos dados do Gráfico 5, infere-se que a maioria dos produtores pagam até 10 sacos de soja por hectare, representando 64,29% do total da amostra.

Foram aplicados aos 70 produtores o questionário. No Gráfico 6, visualiza-se a área total de cultivo, incluindo terra própria e arrendada, onde 22,9% responderam que plantam até 50 ha de soja, 27,1% de 51 a 100 há, 17,1% cultivam de 101 a 150 há, 14,3% são responsáveis por 151 a 200 ha e 18,6% plantam mais de 200 há.

Gráfico 6 – Área total de cultivo de soja

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Normalmente, quem trabalha na agricultura inicia desde muito jovem, e isso ficou comprovado no Gráfico 7, que nos mostra que apenas 7,1% trabalham há 5 anos, 17,1% trabalham de 6 até 10 anos, 25,7% trabalham de 11 até 20 anos, 17,1% trabalham de 21 até 30 anos e 32,9 % exercem atividade na agricultura a mais de 30 anos.

Gráfico 7 – Tempo que exercem atividade na agricultura

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O Gráfico 8 mostra as razões que levaram os produtores a começar atividade no campo, em que 74,3% dizem ter iniciado esse trabalho por amor e 60% por sucessão familiar. Nota-se, também, que é importante o benefício financeiro, com

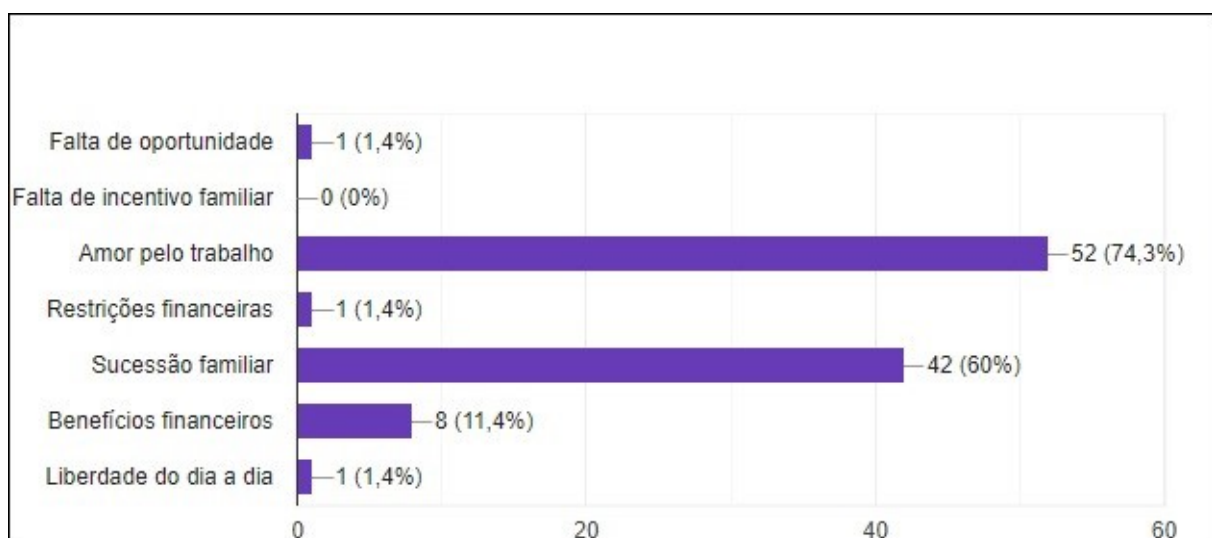
11,4% de respostas, e, na sequência, 1,4% apontaram a falta de oportunidade. 1,4% responderam que iniciaram o trabalho no campo por restrições financeiras e 1,4% atribuem à liberdade do dia a dia.

Nas regiões em que o questionário foi aplicado, a sucessão familiar nas propriedades é muito presente. Normalmente, a família pratica a agricultura há várias gerações e possuem terras próprias, o que torna o caminho para essa atividade mais fácil. Por isso, 42 dos respondentes iniciaram na agricultura através da sucessão familiar, dando seguimento à tradição de seus antepassados. Conforme abordado por Wanderley (2001, p. 27), “a família define estratégias que visam, ao mesmo tempo, assegurar sua sobrevivência imediata e garantir a reprodução das gerações subsequentes”.

Quanto ao amor pelo trabalho, dito pela maioria, percebe-se a importância de haver sentimento com aquilo que se faz. Sem amor ao projeto, é difícil seguir com êxito naquilo que cada um se propõe; especificamente, no agronegócio, há uma relação metafísica entre homem e natureza, o que exige uma sensibilidade muito grande de quem está gerindo a atividade. Conforme Meneghetti (2008), “um líder deve amar o objeto que produz [...]. O amor do líder pelo seu produto é uma atração, [...] é uma distribuição de valores subjetivos”.

O Gráfico 8 ilustra as respostas referente aos motivos que levam os produtores a iniciar e a permanecer no campo.

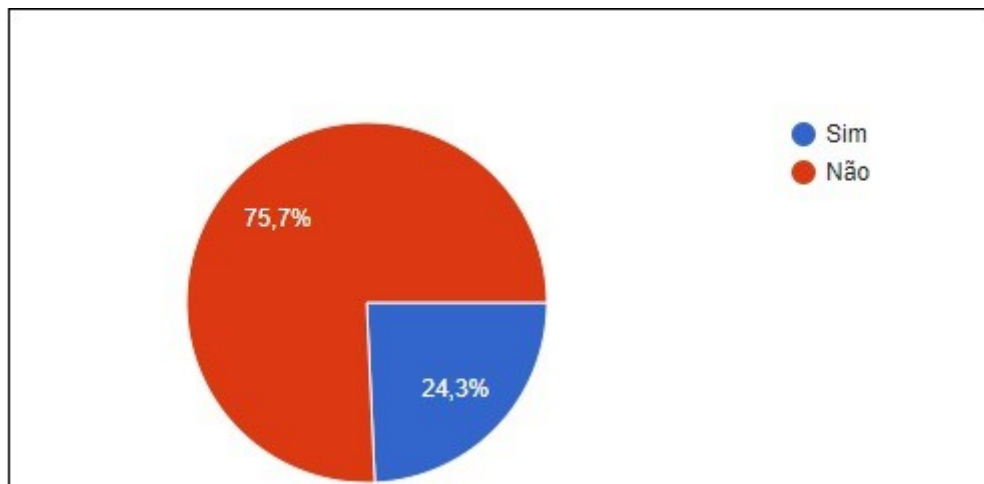
Gráfico 8 – Elementos que levaram a começar a trabalhar e permanecer no campo



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A questão que originou o Gráfico 9 provocou reflexões aos produtores. 75,7% dos respondentes alegaram que não possuem intenção de abandonar a lavoura e 24,3% responderam que possuem vontade de desistir da agricultura.

Gráfico 9 – Possuem intenção/vontade de abandonar a lavoura



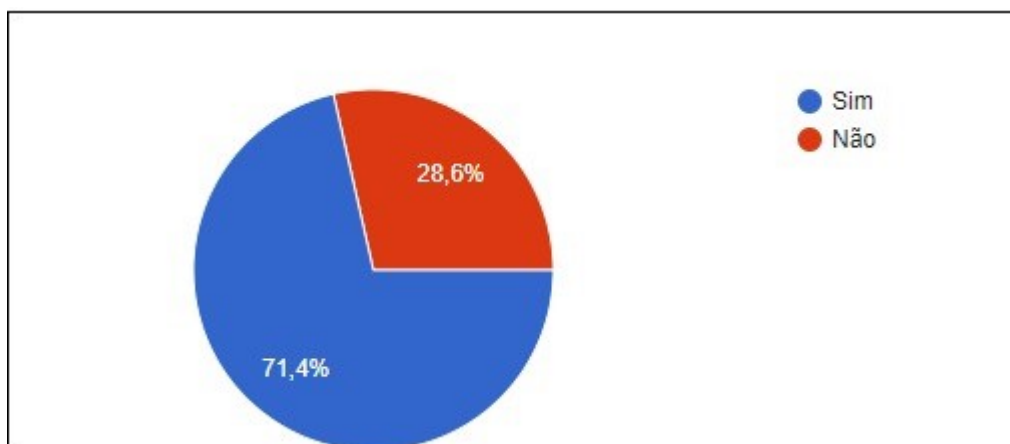
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

De acordo com o Gráfico 9, existe um número significativo de produtores que desejam ou intencionam abandonar a atividade agrícola. Ainda que esse suposto desejo de abandonar a agricultura não signifique que efetivamente irá ocorrer a ação, trata-se de um número alto. Os motivos que levam a esse posicionamento serão detalhados mais adiante, nos Gráficos 14 e 15, que abordam especificamente a motivação em sair ou permanecer no campo. Todavia, cabe a observação de que 74,3% dos produtores citam o amor pelo trabalho como o fator preponderante para iniciarem as suas atividades e para permanecerem nele, e um número muito próximo, 75,7% dos respondentes, alega não possuir desejo ou intenção de abandonar a atividade.

Manter um controle sério sobre os custos durante a preparação da safra é essencial para tomada de decisão e consciência sobre a situação da propriedade, e, conforme Santos (2005, p. 3) “o conhecimento do custo operacional e o seu reflexo em todo produto ou serviço são condições preponderantes de sobrevivência em qualquer negócio com ou sem fins lucrativos”. O Gráfico 10 apresenta os produtores que possuem controle sobre os seus custos e os que não os controlam, chegando a

um total de 71,4% que mantêm um controle dos custos durante a safra e 28,6% que não se preocupam com essa questão.

Gráfico 10 – Se possuem controle sobre os seus custos de produção



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Existem várias formas de controlar os custos relativos à safra. Após questionar os produtores se mantinham ou não um controle sobre seus custos, os 71,4% que responderam que controlam descreveram como mantêm esse controle, o que é visualizado pela Tabela 3.

Tabela 3 – Formas de controlar os custos utilizadas pelos produtores

FORMAS DE CONTROLAR OS CUSTOS DURANTE A SAFRA			
ANOTAÇÕES EM AGENDA E PLANILHA	Anotações	ANÁLISE E CONTROLE DOS CUSTOS E BENEFÍCIOS	Controle das despesas e receitas
	Anotando		Controle de insumos, combustível e funcionário
	Anotações em agenda		Custos da lavoura e venda da soja
	Anotações na agenda		Custo benefício
	Anotações na agenda		Balanço
	Numa agenda		Investimentos, custeio e manutenção
	Anotações de insumo, maquinário e pessoal		Despesas da lavoura, investimento e manutenção
	Controle por agenda e planilha excel		Usando agroquímicos conforme qualidade da lavoura
	Controle na agenda		Agrotóxicos, combustível
	Anotações em agenda, celular, excel.		Pesquisa de preço e planejamento
	Anotações dos gastos com insumos e óleo diesel		Analizando custos de insumos e maquinários
	Planilha		Analizando todos os custos
	Planilha de custos		Analizando custos e benefícios
	Planilha de custos		Analizando investimentos na propriedade
	Planilhas, cálculos		Analizando custos de produção
	Controle por excel		Analizando os preços com relação ao valor da soja
	Planilha com todos os gastos		Análise dos custos de produção
	Tabela de custos		Análise de investimento, custeio, mão de obra e manutenção
	Controle em planilha e agenda		Comparativo de preços concorrentes
	Planilha dos custos do plantio até a colheita		Comparativo de preços dos produtos
Anotando os custos do plantio até a colheita	Comparativo de preços de produtos		

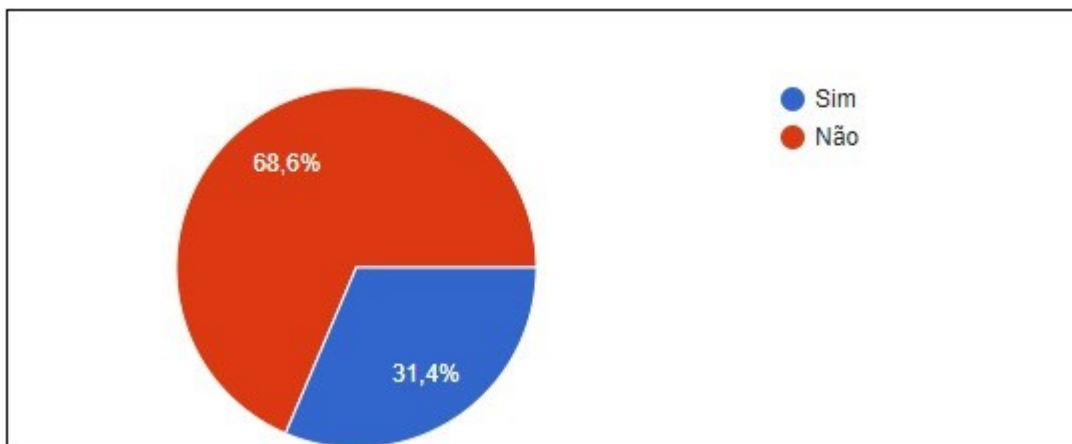
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

De acordo com a Tabela 3, a maioria se organiza através de anotações em agenda e controle através da planilha excel. Todavia, o controle exercido é superficial, pois não abrange a totalidade dos custos incluídos em uma safra. Esse controle parcial sobre os custos da produção, e, conseqüentemente, do resultado econômico da atividade, pode ser um dos fatores que levam os produtores a desanimar-se com a agricultura. Se não estão ao alcance todas as informações inerentes à atividade, as decisões podem ser tomadas de forma equívoca, por exemplo, investindo recursos em locais e em momentos não oportunos, adquirindo equipamentos sem necessidade, adquirindo insumos na quantidade imprópria entre outros.

Além disso, é muito comum que as contas entre produtor rural, pessoa física, e a do empreendimento se confundam. Mesmo que não se trate de uma empresa, no termo jurídico e contábil (uma Pessoa Jurídica), a atividade agrícola também configura um empreendimento. Sendo assim, as receitas e as despesas da atividade agrícola devem estar mensuradas à parte da vida financeira de quem está à frente do negócio. Por essa razão, deve-se atribuir um Pró-labore, ou seja, a remuneração do produtor rural e adotar-se formas de controle para que a organização da vida pessoal não interfira negativamente no sucesso do negócio.

Ainda, muitos dos produtores controlam sozinhos os seus custos, sem auxílio de outra pessoa ou ferramenta, como pode-se ver no Gráfico 11. Pelo dados apresentados, 68,6% dos produtores não possuem ajuda para controlar e 31,4% recebem auxílio durante o processo de controle, o qual acontece mediante pessoas próximas – o filho, irmão, pai, primo, esposa, tio – ou agrônomo.

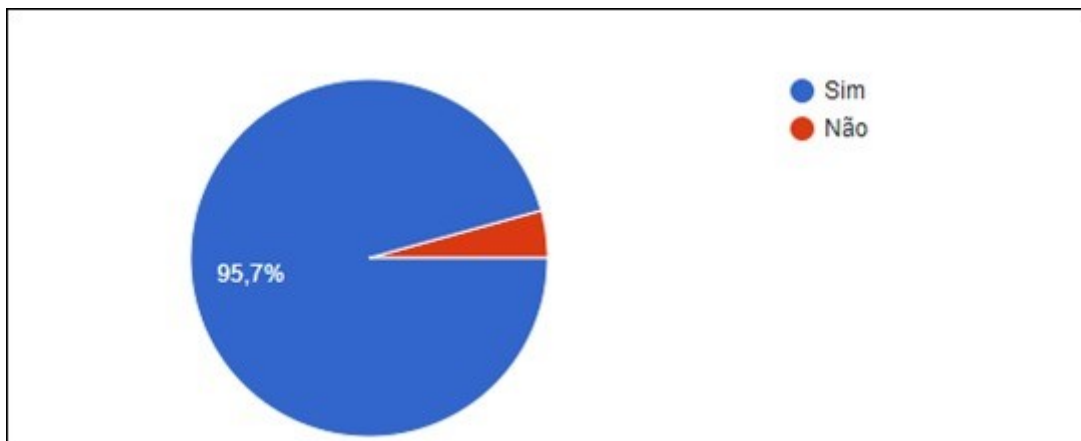
Gráfico 11 – Alguém auxilia no controle dos custos durante a safra



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Quando se tem um negócio, é imprescindível saber se está tendo lucro ou prejuízo. Conforme ilustra o Gráfico 12, a grande maioria dos produtores tem consciência disso, totalizando 95,7% que sabem se estão tendo lucro ou prejuízo, contra 4,3% que não sabem.

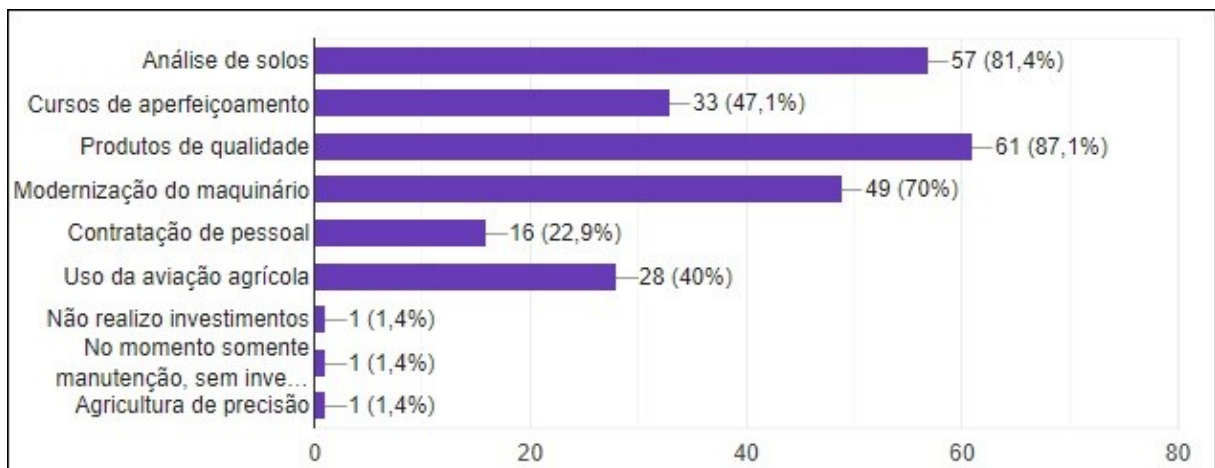
Gráfico 12 – Sabem se estão tendo lucro ou prejuízo



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Os investimentos necessários para condução da safra são muitos. É perceptível o quanto que os produtores precisam investir nas suas lavouras e os diferentes tipos de custos em envolvem essa atividade, que exigem conhecimentos em diversas frentes. O Gráfico 13 apresenta os principais tipos de custos de produção.

Gráfico 13 – Custos de produção realizados nas lavouras



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

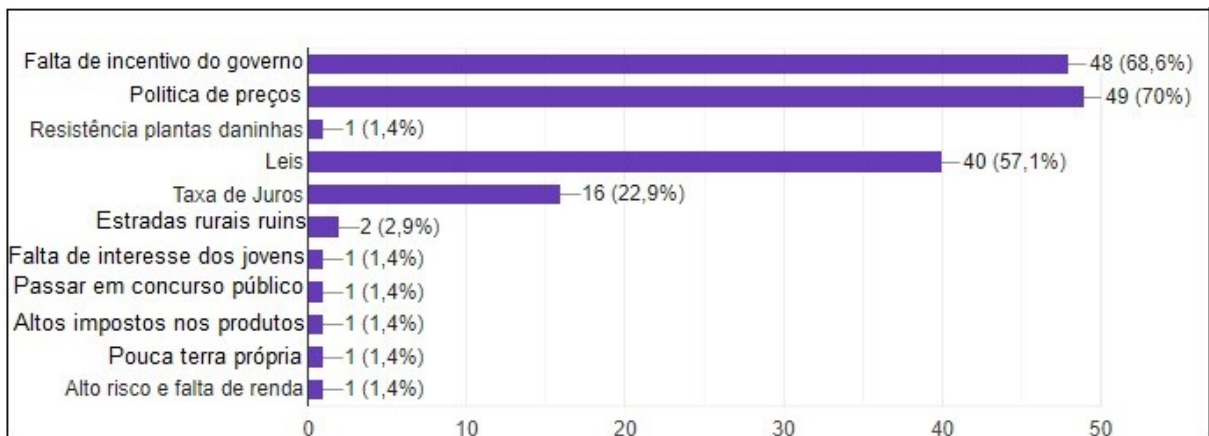
Pelo Gráfico 13, observa-se que os principais custos inerentes à produção são produtos de qualidade, seguido de análise do solo e em modernização de maquinário. De acordo com Crepaldi (2005), a contabilidade rural tem a finalidade de apoiar as tomadas de decisões no planejamento da produção, das vendas e dos investimentos, por isso que quem controla seus custos consegue ter maior facilidade para investir na sua produção, pois tem todos os dados necessários em mãos.

Outra pergunta do questionário foi em relação aos motivos que fazem o produtor querer migrar da zona rural para a zona urbana. Esse questionamento acabou gerando respostas para a questão referente ao Gráfico 9, em que uma porcentagem significativa dos produtores sinalizou a intenção ou desejo de parar a atividade agrícola. Para tal, utilizou-se uma questão de múltipla escolha, onde os respondentes também poderiam marcar mais de uma alternativa.

De acordo com o Gráfico 14, 48 produtores apontaram a falta de incentivo do governo; 49 estão descontentes com a política de preços, tanto nos insumos quanto do produto final para venda; apenas 1 apontou a resistência das plantas daninhas; para 40 pessoas as leis estão prejudicando atualmente a atividade e 16 estão descontentes com as taxas de juros cobradas. Esses são os apontamentos que mais interferem na motivação dos produtores e os preocupam de maneiras distintas.

Para cada um, as questões internas e externas impactam de alguma forma, em conformidade com Minarla (1987), quando cita que a motivação é interior, mas que o ambiente interfere facilitando ou dificultando-a.

Gráfico 14 – Motivação para o produtor migrar da zona rural para urbana

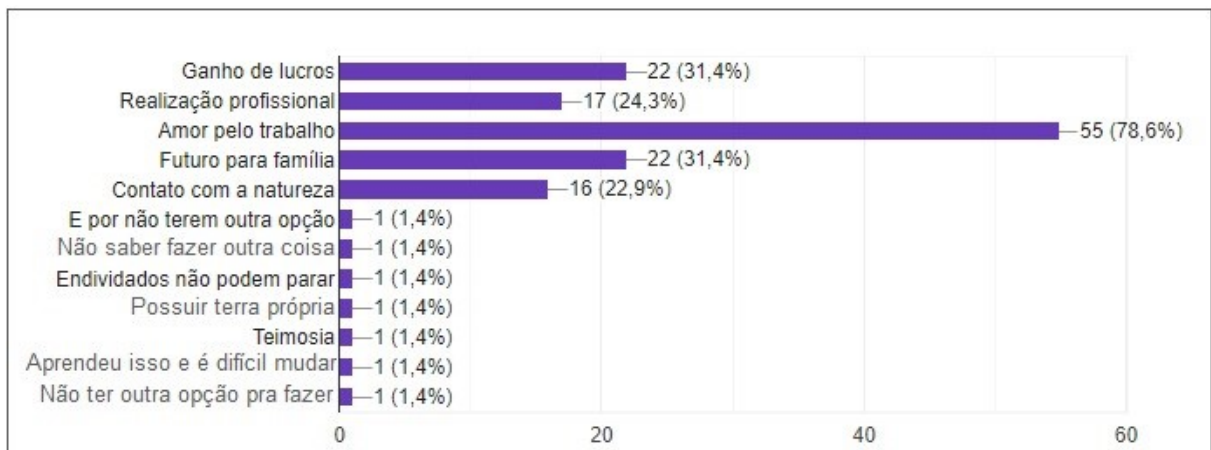


Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

No Gráfico 15 estão expostas as razões que mais motivam os produtores a continuarem na lavoura. Dos respondentes, 55 citaram o amor pelo trabalho, configurando a principal razão, em seguida, ambas com 22 respondentes, estão o futuro para família e o ganho de lucros. A realização profissional recebeu 17 respostas e para 16 produtores o contato com a natureza é importante.

Todas as alternativas são essenciais, porém, o fator que motiva os produtores atualmente e responde o principal objetivo da pesquisa é o amor pela profissão, pela atividade exercida. Para Deci (1996, p.21), “a maneira mais fundamental e útil de pensar a respeito desse assunto envolve a aceitação do conceito de motivação intrínseca, que se refere ao processo de desenvolver uma atividade pelo prazer que ela mesma proporciona, isto é, desenvolver uma atividade pela recompensa inerente a essa mesma atividade.”.

Gráfico 15 – Motivação para continuar na lavoura



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Ficou evidenciado, ainda, no Gráfico 15 que os produtores rurais pesquisados não se encontram endividados. Apenas um respondente indicou o endividamento como motivo para permanecer na lavoura. Diante do contexto econômico atual, este é um dado bem relevante considerando os altos custos inerentes à atividade agrícola e os altos investimentos necessários.

5 CONCLUSÃO

O tema geral desta pesquisa foi buscar compreender quais fatores motivacionais impulsionam os produtores a permanecerem trabalhando no meio rural.

A primeira inquietação relacionada ao tema diz respeito aos elementos que levam os agricultores a começarem a trabalhar no campo e, conforme a análise dos dados coletados, a grande maioria inicia por sucessão familiar, onde a família já possui terras próprias ou arrendadas há muitos anos, facilitando a continuidade para as próximas gerações. Entretanto, atrelado a esse elemento, está o amor pela atividade que exercem, que além de ser um fator decisivo para que iniciem a atividade, foi o elemento destacado por eles como o que mais os motiva para continuarem na atividade rural. Em outras palavras, eles começam pela tradição familiar, e permanecem pelo amor.

Foi possível identificar que os produtores investem em suas lavouras em busca de um melhor resultado para suas operações. Neste sentido, custos de produção como: análise de solos, cursos de aperfeiçoamento, produtos de qualidade, modernização de maquinário entre outros, fazem parte desta importante etapa operacional da propriedade. A maioria dos produtores rurais acredita manter um controle sobre esses custos incidentes no processo agrícola, entretanto, isso acontece de forma muito superficial, pois não fazem um acompanhamento sério e rigoroso, anotam, geralmente, os custos relativos à compra de insumos, mas esquecem de todo o restante que faz parte do processo.

Esses métodos parciais de controle levam a uma ingerência de diversas informações, e, conseqüentemente, afetam a percepção sobre o resultado econômico da atividade. A própria distinção entre a vida financeira pessoal e a profissional é um elemento importante para a mensuração do resultado da safra e que, portanto, deve-se manter um controle rigoroso. Esses fatores econômicos podem ser um dos motivos que levam os produtores a desanimar-se com a agricultura.

Consideram-se atingidos os objetivos específicos do estudo, uma vez que, ficaram identificados e demonstrados os elementos que levam o produtor a começar

o trabalho no campo, bem como foram identificados e demonstrados alguns controles que os produtores fazem sobre os custos de produção e quais os custos de produção mais relevantes. Esses pontos, aliados às questões que indicaram razões para permanência no campo, levaram ao atingimento do objetivo principal do estudo, que foi identificar e analisar os aspectos que motivam o agricultor a permanecer no campo.

Ficou, assim, evidenciado que as principais motivações de permanência é o amor pelo trabalho agrícola, garantir o futuro da família e a possibilidade de lucros com a atividade. Também ficaram evidenciados alguns pontos que, segundo os produtores pesquisados, levam as pessoas migrarem para a zona urbana. Entre eles, a falta de incentivos do governo e a política de preços, que influenciam a descontinuidade da atividade agrícola.

Por fim, é recomendável e necessário que os produtores tenham efetivos controles dos custos de produção, se atualizem e se qualifiquem para enfrentar as dificuldades do mercado cada vez mais competitivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGAMINI, C. W. **Liderança: administração do sentido**. São Paulo: Atlas, 1994.
- BERGAMINI, C. W. **Motivação nas organizações**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- BM&F. **Bolsa de Mercadorias & Futuros. Perguntas Frequentes sobre Mercados Futuros Agropecuários**. 6. Ed. São Paulo: BM&F, 2006.
- BRUNI, A. L. **A administração de custos, preços e lucros**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO, CONAB. **Perspectivas para a agropecuária**. Brasília 2018. Acesso em: 29 maio 2019.
- COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO, CONAB. **Acompanhamento safra brasileira de grãos**. Brasília 2019. Acesso em: 29 maio 2019.
- CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade rural: uma abordagem decisorial**. 3º ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade Rural - Uma Abordagem Decisorial**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1998.
- CREPALDI, Silvio Aparecido. **Curso básico de contabilidade de custos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade rural: uma abordagem decisória**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- DALL'GNOL, A.; **The impact of soybeans on the brazilian economy**. In: **Technical information for agriculture**. São Paulo: Máquinas Agrícolas Jacto, 2000
- DECI, Jack, **Motivação e Liderança, casa da qualidade**, SP, 1996.
- EMPLOYER RH, **5 pontos críticos na gestão de mão de obra rural**, 2017. Disponível em: <https://employer.com.br/blog/5-pontos-criticos-na-gestao-de-mao-de-obra-rural/> Acesso em: 13 outubro 2019.
- FARMNEWS. Canal de notícias do agronegócio. **Dados produção de soja por país safra de 2018/2019**. Disponível em: <http://www.farmnews.com.br/mercado/producao-de-soja-por-pais-2/>. Acesso em: 20 abril 2019.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- Apostila GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

INSTITUTO AGRO. Excelência no agronegócio. **Custo de produção agrícola**. <Disponível em: <https://institutoagro.com.br/custo-de-producao-agricola/>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

LEONE, G. S. Guerra. **Custos: planejamento, implantação e controle**. 2.º ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MAHER, M. **Contabilidade de custos: criando valor para a administração**. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2001.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4.º edição. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de Custos**. Inclui o ABC. 8ª. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital** – 6ª edição – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2008.

MENEGHETTI, Antonio. Business Intuition. **Tradução e organização FOIL** – São Paulo: Foil, 2007.

MENEGHETTI, A. **Psicologia do líder. Recanto Maestro**: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, Antonio. **Projeto Homem**. 3ª ed. Recanto Maestro/RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **Psicologia Empresarial. Tradução e revisão FOIL**. São Paulo, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Os jovens e a ética ôntica**/Antonio Meneghetti; tradução Ontopsicológica Editora Universitária. - Recanto Maestro - São João do Polêsine - RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MINARLA, Robert, W., **Motivação e competição**. Editora vozes, RJ, 1987.

NIELSEN, F.A.G; OLIVO, R.L.F.; MORILHAS, L.J. **Guia prático para elaboração de monografias, dissertações e teses em administração**. São Paulo: Editora Saraiva Educação, 2018.

OLIVEIRA, Luís Martins de; PEREZ Jr., José Hernandez. **Contabilidade de custos para não contadores**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

RAMOS, P. RAMOS; M.M; BUSNELLO, S.J. **Manual prático de metodologia da pesquisa: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese**. Blumenau: Acadêmica, 2003. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/scieloOrg/php/similar.php?lang=pt&te>>. Acesso em: 26 maio 2019.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento Organizacional**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

ROSSO, Carla Luiza. **Principais desafios enfrentados pelas sucessoras no processo de sucessão familiar em empresas do Agronegócio**. Brasília: Centro Universitário de Brasília, 2012.

SANTOS, Gilberto José dos; MARION, José Carlos; SEGATTI, Sonia. **Administração de custos na agropecuária**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SANTOS, Joel J. **Fundamentos de Custos para Formação do Preço e do Lucro**. 5ª. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

SANTOS, G. Jose dos. MARION, J.Carlos. SEGATTI, Sonia. **Administração de custos na agropecuária**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SCHERMERHORN, JR; et al. **Fundamentos de Comportamento Organizacional**. São Paulo: Bookman, 2007.

WANDERLEY, M. N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org) **Agricultura familiar: realidade e perspectivas**. 3.ed. Passo Fundo: Editora da UPF, 2001.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Prezado (a) agricultor (a)

Essa pesquisa possui como objetivo analisar e identificar se os custos de produção da cultura soja influenciam na motivação do produtor rural e como isso resulta seu controle no campo.

I - Dados de caracterização e de suporte

1. Gênero: () masculino () feminino
2. Idade: _____
3. Grau de instrução: () Nível fundamental () Nível médio () Nível superior
4. Formação profissional/cursos: _____
5. Cidade em que reside: _____

II- Quanto à propriedade

6. Área própria em hectares: _____ Área arrendada em hectares: _____
Valor pago de arrendamento por hectares: _____
7. Área de cultivo: _____
8. Localidade da lavoura: _____

9. Há quanto tempo você exerce atividade na agricultura?

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| () Até 5 anos | () De 6 até 10 anos |
| () De 11 até 20 anos | () De 21 até 30 anos |
| () Mais de 30 anos | |

10. Quais elementos levaram você a trabalhar e permanecer no campo?

- | | |
|---------------------------------|----------------------------|
| () Falta de oportunidade | () Restrições financeiras |
| () Falta de incentivo familiar | () Sucessão familiar |
| () Amor pelo trabalho | () Benefícios financeiros |

Outros _____

11. Possui intenção/vontade de abandonar a lavoura?

- | | |
|---------|---------|
| () Sim | () Não |
|---------|---------|

12. Você possui controle sobre os seus custos durante a safra?

() Sim () Não

Se sim, quais: _____

13. Alguém lhe auxilia no processo do controle dos custos da lavoura?

() Sim () Não

Se sim, quem: _____

14. Você sabe se está tendo lucro ou prejuízo na sua produção?

() Sim () Não

15. Quais são os custos de produção que exerce na sua propriedade?

() Análise de solos () Modernização do maquinário
 () Cursos de aperfeiçoamento () Contratação de pessoal
 () Produtos de qualidade () Uso da aviação agrícola

Outros _____

16. Na sua opinião, o que motiva as pessoas que estão no meio rural a migrar para a zona urbana e desistir da lavoura?

() Falta de incentivo governamental () Leis
 () Política de preços () Taxa de Juros
 () Resistência plantas daninhas

Outros _____

17. Na sua opinião, o que motiva as pessoas que estão no meio rural a continuar na lavoura?

() Ganho de lucros () Futuro para família
 () Realização profissional () Contato com a natureza
 () Amor pelo trabalho

Outros _____